Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



GLÓRIA HOLDEN ao lado de PAUL MUNI, o notável criador de «A VIDA DE ZOLA», que a S. I. F. apresenta amanhã no S. Luiz

2.ª SÉRIE — N.º 29 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 26 DE MAIO DE 1941 — PREÇO: 1$50

A estreante que vai aparecer no «Pai Tirano»



CHAMA-SE...

LEONOR ✱ MAIA

Gente nova!... Raparigas novas para o Cinema!...

Foi êste o grito que, no limiar dos nossos fonofilmes, soltaram os pioneiros cinematográficos que então escreviam na «Imagem», no «Kino», na primeira série do «Animatógrafo».

E veio gente nova. Vieram, principalmente, raparigas novas. Mas a falta de continuïdade da produção cinematográfica em Portugal teve esta conseqüência funesta: as raparigas envelheceram.

Porque não há nada que envelheça mais, no cinema, do que não fazer filmes.

António Lopes Ribeiro viu-se assim obrigado a utilizar, em cada novo filme, uma rapariga diferente. Em «Gado Bravo» — Nita Brandão. Nita Brandão casou. Em «Revolução de Maio» — Maria Clara. Maria Clara casou. — Em «Feitiço do Império» — Isabela Tovar. Isabela Tovar ainda não casou, mas faz muito boas tenções disso.

No filme que prepara, «O Pai Tirano», António Lopes Ribeiro vai apresentar uma nova estreante: Leonor Maia, de que «Animatógrafo» publica hoje os primeiros retratos. Que tal?

Leonor Maia tem decidida vocação.

Foi descoberta por A. L. R. muito longe de Lisboa. E de que «Animatógrafo» publica hoje os primeiros retratos.

Ao lado de Maria da Graça, que merecia continuar como continua, vai ter ensejo de mostrar as suas faculdades, que permitem as melhores esperanças.



2.ª série / N.º 29 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276. Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

26 de Maio de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA
Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuïdores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

A caminho da continuïdade

10 FILMES EM ANDAMENTO!

Eis o que nos oferece o Cinema Português

Cada semana, cada dia que passa vem confirmar a nossa confiança nos destinos do Cinema Nacional.

Não foram baldadas as nossas esperanças. Não confiámos em vão. Neste momento, estão em curso nada menos de 10 produções, das quais 6 de grande metragem: 3 filmes de enrêdo e 3 documentários.

Nunca na já longa mas tão escassa história da Cinematografia Portuguesa se registou actividade mais intensa. Todos os realizadores, todos os operadores têm trabalho: Leitão de Barros, com Alfredo Cortez, dirige «Ala, Arriba!»; Brum do Canto dirige «Lobos da Serra»; Lopes Ribeiro prepara «O Pai Tirano» e dirige a montagem e sonorizações de quatro documentários: «A Exposição do Mundo Português», «Moçambique», «As Festas do Duplo Centenário», «Portugal na Exposição de Paris».

Dois novos dirigiram dois documentários curtos: o pintor Lino António, «Monumentos Nacionais», tendo como operador Manuel Luiz Vieira; Luiz Nunes, «Portugal na Exposição de Nova Iorque», com fotografia de Planer (o operador de «O Caminho do Paraíso») e Manuel Luiz Vieira.

Três produtores trabalham intensivamente: a Tobis Portuguesa, a SPAC e António Lopes Ribeiro.

Dois organismos oficiais promoveram, dos dez filmes em curso, nada menos de seis.

Dêsses dois organismos, é justo destacar a acção brilhantíssima do Secretariado da Propaganda Nacional, e do seu director António Ferro, a quem o Cinema Português fica devendo o seu mais decisivo e prático impulso no sentido da continuïdade produtora por parte do Estado. E sabemos que António Ferro acalenta vastíssimos projectos, que aumentarão considerávelmente a dívida que a nossa cinematografia já contraíu para com êle.

Foi também graças ao director do S. P. N. e ao sr. Ministro das Obras Públicas que foi possível à Tobis Portuguesa empreender a produção de «Ala, Arriba!»

Pelo seu lado, o sr. Ministro das Colónias autorizou a Agência Geral das Colónias a concluir o documentário «Moçambique», filmado pela Missão Cinegráfica às colónias de África, conclusão de que se encarregou A. L. R., que foi o director artístico da referida Missão. O comentário será escrito por José Osório de Oliveira, nosso amigo e colaborador.

A estes dez filmes juntar-se-ão ainda êste ano, podemos assegurá-lo, outros mais, de que a seu tempo daremos conta.

É que o «Animatógrafo» tem por norma não anunciar projectos, de gente sua ou alheia, sem ter a *certeza certa* de que êles vão por diante.

Assim, o público poderá ter em nós, pelo menos, a mesma confiança que nós temos no Cinema Português.

Como se verifica, o Cinema Português, que existe, visto existir um sindicato que serve mais de mil profissionais, não é, hoje, uma ficção, uma quimera ou um passatempo. Ganhou foros de profissão, a que tinha jus, e vive, começando a definir e a precisar a sua posição por forma nítida e até encorajante para os mais céticos ou desencorajados.

Nunca, nos anais da nossa cinematografia, se registou simultaneidade de trabalho tão completa e animadora. E o leitor que, talvez, não tivesse dado por tal! Para cúmulo da surprêsa, ainda dissemos acima que aos dez filmes em curso outros mais irão juntar-se.

Se acaso existe ainda alguém que descreie ou receie que o Cinema Nacional vive e pretende ir mais além, para se aperfeiçoar numa continuïdade benéfica e imprescindível, as linhas acima devem destruir-lhes tôdas as dúvidas e mostrar-lhe uma curiosa e agradável realidade.

Por isso repetimos: cada semana, cada dia que passa vem confirmar a nossa confiança nos destinos do Cinema Nacional.

Em Arcos de Valdevez:
— **Filmagens exteriores de**
«LOBOS DA SERRA»
Realizador: Jorge Brum do Canto
Produção: Tobis Portuguesa

No Estúdio da Tobis Portuguesa:
— **Construção de cenários para**
«ALA, ARRIBA!»
Realizador: Leitão de Barros
Produção: Tobis Portuguesa

Em casa de Vasco Santana:
— **Diálogos e marcação de**
«O PAI TIRANO»
Autores: António Lopes Ribeiro, Vasco Santana e Francisco Ribeiro

No Laboratório da Lisboa-Filme:
Em montagem:
— **«MOÇAMBIQUE», documentário longo da série filmada pela Missão Cinegráfica às Colónias de África.**
— **Produçao: António Lopes Ribeiro para a Agência Geral das Colónias.**
— **«AS FESTAS DO DUPLO CENTENÁRIO», documentário longo.**
Produção: SPAC, para o Secretariado da Propaganda Nacional.
— **«PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO DE PARIS», documentário curto.**
Produção: S. P. N.
Montador-chefe: Vieira de Sousa.
Aguardando sonorização:
— **«EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO PORTUGUÊS», documentário longo.**
Compositor: Frederico de Freitas.
Produção: SPAC, para o S. P. N.
— **MONUMENTOS NACIONAIS», documentário longo.**
Direcção: Lino António
Produção: S. P. N.
Aguardando exibição:
— **«PORUGAL NA EXPOSIÇÃO DE NOVA IORQUE».**
Direcção: Luiz Nunes.
Produção: S. P. N.
— **«JORNAL PORTUGUÊS N.º 26»**
Produção SPAC.

Total: 3 filmes de enrêdo de grande metragem
3 documentários de grande metragem
3 documentários curtos
1 jornal de actualidades

TERMINARAM, NA PÓVOA DO VARZIM, as filmagens exteriores do filme português «ALA ARRIBA!»

Na terça-feira, impressionou-se na Póvoa do Varzim o último plano dos exteriores feitos naquela praia para o filme de Leitão de Barros e Alfredo Cortez «Ala, arriba!». Nessa mesma tarde, regressou a Lisboa a equipa da Tóbis Portuguesa que durante vinte dias ali trabalhara àrduamente e por vezes correndo sérios riscos, pois não só foram valentes os poveiros que num pequeno barco enfrentaram as ondas bravas, para que se reconstituísse o mais fielmente possível um naufrágio, mas também os que numa pequena embarcação filmavam a dramática cena.

E na terça feira, de regresso à capital, recordaram-se os momentos que se tinham vivido, ao sol, ao vento e à chuva.

Um estratagema de Leitão de Barros

Num dos últimos dias, estava marcada na tabela de serviço a filmagem duma cena em que os poveiros deveriam correr desvairados ao longo da praia, ao ver o naufrágio dos seus companheiros, junto à costa. Mas na altura da filmagem, os figurantes contratados recusaram-se a fazer o que se lhes indicara.

Desesperavam já os componentes da equipa, quando Leitão de Barros se lembrou dum estratagema que os levaria a fazer o que estava marcado.

Chamou-se o Fernandes, mais conhecido por «Barata», figura popular entre os poveiros e combinou-se que êle simularia uma queda do alto do paredão, onde estavam as câmaras de filmar. Para parecer mais natural, o caracterizador Vilar pintou-lhe a cara com um pouco de tinta vermelha que dava a impressão exacta de sangue fresco. Enquanto isto se preparava, lá longe, na praia, os figurantes olhavam, desconfiados, por se ter desistido de os obrigar a correr.

Momentos depois, soou um grito:

— O «Barata» caíu do paredão!...

Viram-se correr algumas pessoas e levantarem um corpo ensangüentado, que levaram ao longo da praia, direito a um barracão.

Leitão de Barros, junto das câmaras de Salazar Diniz e de Octávio Bobone, esperava ancioso o resultado da «ideia».

Mas os figurantes não acreditaram. E já se desesperava, quando se verificou que as pescadeiras que se encontravam na venda do peixe, à beira mar, alarmadas com o que viam, corriam atrás das pessoas que levavam o «ferido».

Não era êsse o efeito que se esperava, mas enfim, foi-se filmando.

Dentro do barracão, Tereza Casal conversava com o dr. Alfredo Cortez e o maestro Ruy Coelho. Ao verem entrar aquele homem coberto de «sangue», ia havendo um desmaio... Mas à aflição sucedeu o espanto. O Fernandes, por alcunha o «Barata», levantava-se e limpava tranqüilamente o «sangue», enquanto o médico chegava precipitada e solìcitamente para prestar os seus serviços. E safou-se a correr, para avisar a mulher de que não morrera, pois fôra tudo «fita»...

E naquele dia, tôda a gente falou na «morte» do «Barata».

Substituïção

Para evitar um contraste que poderia resultar desastroso, Leitão de Barros resolveu substituir Maria de Lourdes, que estava indicada para o papel de protagonista de «Ala, arriba!».

Após alguns ensaios, verificou-se que se encontrava deslocada do ambiente; embora vestisse os trajos característicos da terra, era sempre a menina da cidade mascarada de poveira. Ora, uma das primeiras preocupações dos autores de «Ala, arriba!», é justamente a de que os intérpretes sejam poveiros autênticos. Portanto, era indispensável «descobrir» uma rapariga do povo, que possuísse condições para interpretar o papel da «Julha».

Depois de várias tentativas, encontrou-se finalmente a rapariga ideal.

Tem um lindo nome na vida: Elsa Bela-Flor. É loura natural, muito estudiosa e nasceu na Póvoa de Varzim.

Nas cenas que filmou na sua terra natal, patenteou exuberantes condições para o cinema.

À noite, depois de um dia de trabalho extenuante, era vulgar encontrá-la na sala da Pensão, a estudar o seu papel.

E dizia-nos:

— Isto é preciso a gente saber bem!

A última filmagem na Póvoa de Varzim

— Traz para aqui as «andólas»! Era por êste nome que os poveiros conheciam os reflectores.

E as «andolas» deslocavam-se; as câmaras filmavam.

Mas no último domingo de filmagens o caso foi diferente. É que havia um «ouvido» a escutar o que se dizia. Registava-se som, pela primeira vez, na Póvoa do Varzim.

O «Ala, arriba!» grito dos homens ao puxarem a corda que arrasta o barco para a praia, foi nêsse dia mais vibrante e mais humano.

Dentro do camion de som da Tobis Portuguesa, o eng. Paulo de Brito Aranha registou na película, pela primeira vez, as vibrações do grito característico dos poveiros.

De tarde, num lugar próximo da Póvoa do Varzim, bailou-se e cantou-se ao som da filarmónica da terra.

O maestro Rui Coelho acompanhou as filmagens síncronas na sua qualidade de autor da partitura musical do filme.

Na segunda e na terça-feira, com um sol magnífico, Artur Duarte e a equipa filmaram os últimos planos que estavam marcados.

E no rápido da tarde de terça-feira regressaram à capital.

Fala o dr. Alfredo Cortez

«Animatógrafo» acompanhou de perto as filmagens principais e viajou no mesmo combóio. Aproveitámos essa oportunidade para conversar um pouco com o dr. Alfredo Cortez, autor do argumento e dos diálogos de «Ala-Arriba!»

— Quere saber uma coisa? Dantes, tinha um grande receio do Cinema; achava-o uma arte muito confusa. Hoje, já um pouco familiarizado, sinto-me bem. E posso dizer que estou satisfeito.

«Vou assistir agora aos ensaios de dicção e representação. Mais tarde, depois de ver projectada uma parte do filme, terei muito gôsto em confiar ao «Animatógrafo» as minhas impressões sôbre o «Ala, arriba!». Por enquanto, ainda é cedo. Todavia, posso dizer-lhe que Leitão de Barros era a pessoa indicada para dirigir um filme como êste».

Agradecemos ao dr. Alfredo Cortez a promessa duma futura entrevista. E esperamos que, nessa altura, nos possa comunicar as mais consoladoras impressões sôbre o filme que êle e Leitão de Barros estão a realizar.

JOÃO MENDES

N. da R. — Declinamos tôda a responsabilidade profissional de jornalistas pela não publicação de quaisquer fotografias a ilustrar êste artigo.

BEATRIZ COSTA e o seu enorme êxito no Brasil

Beatriz Costa — dissemo-lo aqui recentemente — continua a triunfar no Casino da Urca, no Rio de Janeiro. O seu êxito cresce — amplia-se como a luz do Sol nascente.

Ela e as suas «gilrs» — tôdas vestidas à portuguesa e cantando versos portugueses do mais delicado sabor, como a quadra tão conhecida que vemos reproduzida na cortina «Sino, coração de aldeia...» — são hoje um dos grandes e deliciosos atrativos do Rio que se diverte.

Beatriz volta ao cinema pela mão de Chianca de Garcia. E foi justamente por saber que íamos dar esta informação ao público, que a popular actriz — «mascotte» de Lisboa e hoje «mascotte» do Rio de Janeiro—nos enviou de além - Atlântico a foto que reproduzimos e tem acentuado cunho português.



Oxalá Beatriz Costa conte novo êxito no filme «A Portuguezinha», onde tem, como seus primeiros colaboradores, compatriotas nossos que ao cinema português prestaram larga assistência e proficua colaboração.

PANORÂMICA

Homenagem a Garbo

A favor do seu fundo de assistência, promoveu o Batalhão n.º 4 da Legião Portuguesa, no São Luiz e na última segunda-feira, um espectáculo notável, em que se prestou justa homenagem à maior actriz do cinema de todos os tempos: Greta Garbo.

Exibiram-se, por gentileza da Companhia Cinematográfica de Portugal e da Metro-Goldwin-Mayer, algumas cenas do primeiro filme da Garbo, «A Lenda de Gösta Berling», realizado na Suécia, em 1923, por Mauritz Stiller, e «Margarida Gautier», de Clarence Brown, realizado em Hollywood em 1936.

Foi verdadeiramente impressionante o contraste, que nunca fôra proporcionado ao grande público, entre a exibição dum filme mudo e dum filme falado. Só assim pode medir-se a distância que separa as duas fases da mesma arte, e avaliar a incipiência das razões dos últimos e ferrenhos defensores do silêncio — espécie de *cinema pobre*, com qualquer coisa de demagógico e de sèdiço.

As cenas da «Lenda de Gösta Berling» foram vistas com um sorriso, mas respeitosamente, por um público particularmente elegante e *averti*. E serviram, como salientou o nosso director — Comandante de Lança do Batalhão n.º 4 — nas palavras preambulares que proferiu, para mostrar como Greta Garbo já era, neste seu primeiro filme, uma espantosa, uma extraordinaríssima actriz, cheia de personalidade e de talento.

Crucet, o imitador incomparável, e a Orquestra Sousa Pinto, preencheram a primeira parte do espectáculo, que marcou.

As Marias da Graça

Há mais Marias na terra... Tantas que até, no meio artístico português, há duas Marias da Graça.

Uma, Maria da Graça I, celebrizou-se através do éter, ao microfone da Emissora Nacional. As suas canções brasileiras, a sua voz inconfundível, espantosamente «radiogénica», o excelente grupo musical que a acompanha — «Os Excêntricos do Ritmo», dirigidos por Nuno Gançalves — ràpidamente a popularizaram entre os radiófilos.

Outra, Maria da Graça II — que consideramos a nossa mascote, por ter nascido para o público ao mesmo tempo que esta segunda série do «Animatógrafo» — conquistou todos os cinéfilos pela sua frescura, pela *novidade* que representava no Cinema Nacional, e foi, sem dúvida, a grande revelação do ano, pela sua graciosíssima intervenção no filme «Pôrto de Abrigo».

Resultado: confundem-nas constantemente. Maria da Graça I recebe na Emissora Nacional cartas que a felicitam pela «sua» interpretação num filme em que não entrou; Maria da Graça II recebe, por nosso intermédio, centenas de cartas que a elogiam pelas «suas» canções na Emissora, onde jàmais cantou.

Um admirador da primeira, a quem os pais se esqueceram de dar chá em pequeno, escreveu-nos uma carta insultuosa, verberando a publicidade «deshonesta» que fazemos a Maria da Graça II (a do Cinema), a expensas da I (a da Rádio).

O admirador é tolinho e malcriado. Mas tem razão em querer que se desfaça a confusão. Pois bem: a confusão vai ser desfeita, com o acôrdo de ambas as interessadas, graças à *arbitragem* do «Animatógrafo».

No próximo número se dirá de que maneira.

A Venda do Eden

Foi vendido em hasta pública, no dia 20, o Eden-Teatro, que é hoje o maior e mais popular cinema de Lisboa. Apresentado à praça por 5.750 contos, os lanços, disputadíssimos, subiram ràpidamente, atingindo 9.800 contos, quantia porque o arrematou o grande industrial sr. Alfredo da Silva.

Logo nessa tarde constava nos «mentideros» que o Eden, agora celebrizado pelo êxito da «Balalaika», ia ser transformado, deixando de ser casa de espectáculos.

Sabemos que, a dar-se tal, isso não poderia ser por êstes tempos mais próximos. E temos a certeza de que um espírito tão largo e tão prático como o do seu actual proprietário não se inclinará fàcilmente para uma transformação que só conviria à concorrência, prejudicando as condições comerciais da exibição dos filmes, nomeadamente dos filmes portugueses.

(Conclui na pág. 18)

A Árvore das Sardinhas

Nos meus tempos da escola, ensinaram-me que Portugal era um país essencialmente agrícola. E disseram-me que os que viviam da agricultura se chamavam «grandes lavradores» e que moravam quási todos no Alentejo. Também havia alguns pequenos lavradores, principalmente no Norte. Mas êsses emigravam quási todos para o Brasil.

Já eu era crescidote quando os jornais anunciaram que se ia dar comêço a uma formidável campanha: a Campanha do Trigo. A necessidade de tal campanha surpreendeu-me, pôsto que Portugal era um país essencialmente agrícola. Mas a verdade é que nunca mais ouvi falar em importações de trigo do estrangeiro. E o meu Pai, que vendia debulhadoras, nunca mais vendeu nenhuma. Concluí portanto que os portugueses consideravam a debulhadora máquina agrícola indispensável à importação de trigo do estrangeiro. E passei a verificar, pelas estatísticas, que o ramo mais próspero da produção nacional era a indústria das sardinhas.

Foi assim que eu percebi quanto é difícil governar os portugueses. Daí a minha admiração sem limites pelo Homem que restituiu Portugal à consciência da sua realidade, histórica e geográfica. Daí a minha esperança de que o seu Govêrno consiga dotar o nosso lindo país duma indústria cinematográfica.

Porque, nisto de cinema, tem-se verificado um fenómeno tão paradoxal como o que se evocou. Desde que me entendo, oiço falar do clima previlegiado, da luz inigualável, da fotogenia sem par da nossa santa tèrrinha. Desde que aprendi a rabiscar papel, que berro aos quatro ventos a urgência de aproveitar tudo isso, metamorfoseando-o em jogos hábeis de sombras numa tela branca. Pois é só nêste ano sem primavera nem sol que se começa a vislumbrar um horizonte mais propício à existência duma Cinematografia Nacional.

De modo que, a par da minha imensa confiança, tenho também muito mêdo. Mêdo, principalmente, que ponham os pescadores de quarentena e que mandem agricultores pescar nas águas, ainda turvas, do Cinema Português. Calculem o que seria uma fábrica de conservas que fôsse eternamente dirigida por um lavrador competentíssimo, mas que imaginasse, levado pela sua deformação profissional, que as sardinhas se colhiam nas árvores, como frutos...

O Cinema Português tem sido até agora, para muita gente e por culpa de muita gente, uma espécie de árvore que dá sardinhas.

Vimos assim entregar a realização de filmes a empregados bancários, a interpretação de galãs a cavaleiros tauromáquicos, a execução de fotografias a rapazes da «claquette».

Ora isto, tenham paciência, mas não pode ser. Existe um mínimo de verosimilhança industrial que é indispensável manter através de tudo. Existe um pudor artístico que convém salvaguardar de tôdas as contingências, que não deve estar à mercê do primeiro critério que aparece e que, para deitar poeira nos olhos, evoca sistemàticamente razões administrativas, falsas como Judas.

E existe um Sindicato, que tem por trás de si tôda uma organização corporativa, que é a própria razão de ser da Nação actual, e fundamento principal do Estado Novo.

Logo que as coisas da produção entrem na normalidade desejada, não se julgue que será possível continuar a tolerar semelhante desordem. O direito individual de fazer disparates só é uma coisa muito respeitável quando não estão em jôgo o nome duma classe, duma arte, dum país. Quando assim é, os disparates deixam de ser por conta própria, e salpicam de incompetência os mais afastados. E é natural que êsses repontem, ao verem-se envolvidos, pela facilidade impressionante de generalizar que tem o público, em alhadas onde não meteram prego nem estôpa.

O remédio é simples. Basta seguir cada um o preceito de Camões, que todos os cinéfilos podem ler no tôpo do proscénio do São Luiz:

FAZEI MAIS O QUE SOUBERDES...

Se não, o Cinema Português continuará a ser, para muito boa gente de que depende — público, dirigentes, etc. — a Árvore das Sardinhas...

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A vida de EMILIO ZOLA

Algumas notas sôbre um filme célebre

Não era fácil tarefa pôr de pé a *Vida de Emilio Zola*. A Warner, quando pensou em erguer, no quadro próprio, a figura do homem que foi «o facho que incendiou a França», conhecia perfeitamente as dificuldades que se lhe antepunham. Não tentou rodear o escôlho. Preferiu torná-las maiores ainda, quando, pela bôca dum dos seus magnates mais representativos anunciou as directrizes do filme: «Não se trata de fazer a história dum indivíduo. Queremos, sim, contar a epopeia do valor da própria Humanidade, quando, na batalha pela Justiça não admite a derrota, e caminha para a Verdade, disposta a vencer ou a morrer». Enunciado o título do filme e a tese que nele deveria prevalecer, não era difícil adivinhar que o processo Dreyfus, estreitamente ligado à vida de Zola, iria ressurgir na tela branca, tantos anos volvidos sôbre o escândalo e as repercussões que provocou no mundo inteiro.

Se a vida de Zola, só por si, constituía um tema aliciante, ligada ao processo Dreyfus, aparecia como uma das histórias mais apaixonantes que o cinema poderia tratar. Heinz Herald e Geza Herczeg atacaram o problema do argumento. Mais tarde, associaram-se com Norman Reilly Raine para escrever a adptação à tela. A Warner jogou pela certa. Foi buscar William Dieterle, o homem que fizera *Pasteur*, para realizar o filme. Paul Muni, 1.º prémio da Academia Americana, pela sua interpretação naquela película, foi encarregado de encarnar na tela a figura do famoso escritor. Gale Sondergard, que ganhara o trofeu atribuído, em 1936, à melhor actriz secundária, reviveria a figura da dolorida mulher de Dreyfus, símbolo da coragem e da persistência feminina, fortalecida pelo amor que nutria pelo marido. Tony Gaudio, considerado um dos melhores operadores de Hollywood, assumia a direcção das câmaras, que deveriam registar esta super-produção. E Gloria Holden, Joseph Shildkraut, Wladmir Sokoloff e tantos outros reviveriam na tela figuras da vida real. É curioso frisar, que, à excepção de «Nana», que passa, no filme, como motivo inspirador do romance do mesmo nome, tôdas as personagens de *The Life of Emile Zola*, dos protagonistas aos comparsas, são a réplica flagrante das personagens reais que tiveram o seu papel no drama da vida do famoso escritor.

A Vida de Emilio Zola não desmentiu o merecimento dos técnicos que intervieram na sua feitura, nem tão pouco desiludiu os bons desejos dos produtores. No ano em que se apresentou, como candidata ao prémio da Academia, triunfou em absoluto: foi considerado o melhor filme do ano!



Zola conversava amiudadas vezes com Naná. Dessas conversas resultou um dos mais famosos romances do fecundo escritor

Filho de mãe francesa e de pai, que herdara, por sua vez, o sangue italiano e grego dos seus progenitores, Zola nasceu em Aix, em 1840. Teve uma infância triste, ensombrada pela viuvez da mãe, e lutou, logo de início, com as dificuldades e agruras da vida. Um belo dia, veio para Paris, acolheu-se numa velha trapeira de Montmartre, onde êle e Cezanne — que mais tarde havia de ser considerado como um dos fundadores da escola de pintura impressionista — construiram, sôbre as bases movediças do sonho, os seus primeiros projectos de fortuna e celebridade.

Perdido no «ventre de Paris», a cidade onde, então, o luxo e a miséria tinham os seus mais altos expoentes, Zola viveu a acidentada existência dos intelectuais e artistas da «rive gauche», alimentando-se de quimeras sem fôrças para reagir ante as crueldades e os paradoxos da vida. No inverno, êle que tinha o horror às correntes de ar e ao frio — preocupação que lhe havia de ser fatal — aquecia-se à lareira, alimentada — quantas vezes!? — com os manuscritos que não tinham encontrado editor...

Emilio Zola não era um preguiçoso. E, assim, quando lhe apareceu trabalho, na livraria de Charpentier, não hesitou! Foi nessa altura que publicou as «Confissões de Claudio» e que começaram as primeiras dificuldades com a polícia. A opinião pública olhava com receio aqueles livros dum realismo cru, que denunciavam os defeitos da organização social, com a preocupação quási mórbida de apontar erros e condenar injustiças, de permeio com ataques a pessoas ou entidades até aí julgadas intangíveis...

A falta de assistência, no trabalho dos mineiros, indignara-o; a vida artificial e dramática das mulheres que muitos consideravam o sorriso de Paris, revoltara-o! Êste homem, que parecia fadado para batalhar, não podia ficar amarrado a um balcão, a vender livros. E não tardou a abandonar o emprêgo, para cair na miséria daqueles que, tendo talento, acalentam a esperança de viver só dos seus livros. Mas um dia, escreve *A Taberna*, o seu primeiro grande êxito literário, após algumas obras que o revelavam já como um brilhante escritor. Dois anos mais tarde, uma rusga, nas ruas de Paris, põe-no em presença duma desgraçada, cuja história ouve, impressionado. E escreve *Nana!*

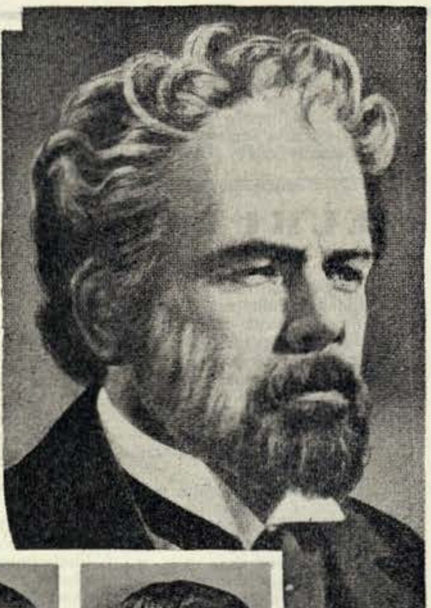
O escândalo é imenso. *Nana* vende-se aos milhares. Quando numa chuvosa tarde de inverno, Zola, roto e esfarrapado, se

(Conclui na página 11)



O episódio mais notável da vida de Zola foi, sem dúvida alguma, a sua defesa no processo Dreyfus

UM PRODÍGIO DE CARACTERIZAÇÃO E DE VERDADE HISTÓRICA





PAUL MUNI (à esquerda) tal qual aparece na «Vida de Emílio Zola». À direita, Zola tal como o apresenta uma gravura da época





DONALD CRISP (à esquerda) na personagem de Labori (à direita), advogado que defendeu Zola durante a sua tentativa de libelo contra o Exército Francês





ROBERT BARRAT (à esquerda) tal como aparece no papel do major Esterhazy (à direita), o homem que provocou o tremendo processo contra Dreyfus



A cena do filme em que Dreyfus sofreu a pena de exautoração pública



A mesma cena, tal como se vê numa gravura dum jornal francês da época





JOSEPH SCHILDKRAUT (à esquerda) no papel do capitão Dreyfus, no filme «A VIDA DE EMÍLIO ZOLA»

«A vida de Zola» é um filme da S. I. F.

e estreia-se àmanhã no São Luiz

A PÁGINA DOS NOVOS

A HORA DOS TÉCNICOS

Das experiências dos Lumière, nasceu o cinema como é sabido, numa sucessão de imagens sem som nem côr. Mas como Arte feita de movimento e rezultante dêle mesmo, não poderia parar, como não parou, nem nunca parará. E vieram as gravações primitivas de som; as modernas; a côr, e até o relêvo! E tudo tão ràpidamente em relação ao tempo de evolução das outras Artes! É que por detrás da engrenagem cinematográfica o técnico vela e maneja os cordelinhos delicados. O seu cérebro não pára, sempre na ânsia de atingir a perfeição, a trabalhar para bem da Arte e para satisfação do público. Mas o público é cruel, bastante cruel às vezes. Êle lembra-se decerto que há alguns anos um Fred deslumbrou as plateis em façanhas prodigiosas de «cow-boy»; que um Douglas Fairbancks fez palpitar o coração das pequenas cinéfilas de então; mas não pensa que foram técnicos que conseguiram um «Ben-Hur» e não apenas a presença de Ramon Novarro.

Os técnicos precisam pois de ser conhecidos e estimados, e felizmente que o público de hoje já vai compreendendo isso. Assim, êle sabe que um Selznick ou um Goldwin; que um Hitchcok, Capra, Lubitsh ou Van Dick, são por si sós capazes de fazer milagres, constituindo uma garantia quando os artistas são figuras roubadas ao anonimato. Por outro lado já se começa a falar entre nós de fotografia e de operadores e ainda a mêdo, dos técnicos de som. Mesmo no nosso «meio», já sabemos o que esperar dum Leitão de Barros, dum António Lopes Ribeiro, dum Brum do Canto, etc. Já estamos também habilitados a pensar e já pensamos de facto, das possibilidades dum Aquilino Mendes, Salazar Diniz ou César de Sá, em matéria de fotografia; e Paulo de Brito Aranha e F. Quintela não nos são desconhecidos em matéria de som.

Vai-se portanto fugindo à injustiça de apreciar num filme só o artista e como tal reter apenas o seu nome. O técnico representa no filme uma maioria esmagadora e o seu nome precisa de ser lembrado pelo público que nem por isso olvidará que houve uma vez, uma pequena suéca que apoiando o pé indeciso na França deu um salto gigantesco através do Atlântico e alcançou na América a altura máxima do firmamento cinematográfico: Greta Garbo, caso único no cinema! Mas, que seria dela, se uma mão inteligente a não erguesse dentre a massa imensa dos desconhecidos? Ora essa mão foi a de um técnico. É justo pois que soe a sua hora de esplendor, e que a sua figura sobressaia dentre as tiras expressivas do celuloide!

LEÃO DA METRO

O MELHOR ARGUMENTO

Há uns bons nove anos, que um grupo de rapazes cheios de esperanças acorria a um certo café-bar, onde essas esperanças tomavam vulto; graças à palavra e ao exemplo dum já então artista cinematográfico.

Alguém que bem novo se finou e que fazia parte dêsses esperançosos, punha-me ao corrente das gratas ilusões dêsse grupo, e gozava já de antemão o prazer de ver erguidos vastos e grandiosos estudios nos arredores da cidade de Ulisses.

Entusiasta como eu, a quem as circunstâncias da época, inibiam de acorrer ao centro, aonde pontificava o astro — que já defrontara a sério a objeciva: via já as ásperas serras nortenhas, serem teatro de proezas de cavaleiros bandidos e cavaleiros cavalheirosos e os solares e quintas das nossas ridentes províncias, transformados em campo de intrigas e residência de cobiçados haveres.

A minha fantasiosa imaginação — atrevida e incomensurável — aos dezoito anos forjava argumentos de acção inverosimil e quadros comoventes — capazes de transformar em piscina de lágrimas, a plateia do Central. Via também, um exército de artistas trabalhando para transformar em imagens visuais, as minhas imagens mentais.

Pelas infindáveis veredas da Selva Africana, acompanhei Capelo e Ivens — na difícil tarefa de atravessar e demarcar o que nos pertence, dêsse riquíssimo continente.

— Multipliquei e recheei as suas reais aventuras e consagrei em apoteose de sonho, o final dos seus trabalhos.

Inspirada nas desventuras e loucas manifestações de D. Afonso VI, — corri o paço de Sintra e fiz um poético devaneio — menos histórico e mais agradàvelmente impressionante. Enfim — sem escaparem — «O decepado», «O Magriço» e até um pequeno tambor mór... Realizei — em imaginação, filmes espantosos — quer no género histórico — quer no género aventuras.

Em certo dia, alguém que além duma sólida cultura, possuia bom censo e clara inteligência: pegando numa das minhas fantasias, concentrou-se demoradamente nela e ao terminá-la, com um sorriso generoso, a que se seguiu um parecer sério e um tanto severo, preguntou-me. Sabes qual é o melhor argumento!

Enleada, sem atingir o porquê da sua estranha pregunta, olhei-o interrogativamente e apenas ciciei um não. O melhor argumento — completou êle — é o que pelo ineditismo e pela oportunidade, sabe revelar e viver uma época! Dito isto, bateu-me amigàvelmente nos ombros tornando: É criando mesmo o desinteressante, que se chega a criar o interessante — não deixes apagar a luz, embora a tenhas de conservar velado. E retirou-se beijando-me.

Hoje, compreendo as suas palavras, e vejo que a luz dos esperançosos cinéfilos dêsse tempo, não se apagou e brilha fulgente e prometedora.

MARIA GIL

RECRUTAI OS NOVOS

Ao escrever êste artigo, pretendo apenas dentro das minhas possibilidades, falar-vos um pouco sôbre o cinema nacional.

Depois de algumas jornadas de incerteza, o cinema português começa enfim a impor-se, mercê da boa vontade e do esfôrço com que muitos contribuiram, para que o seu prestígio não fôsse abalado, o que há uns anos atrás tudo nos levava a crer.

Últimamente tem-se feito mais e melhor, e é preciso que esta divisa seja sempre a de todos os que trabalham dentro do nosso cinema, para que êste seja de futuro uma realidade, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Os nossos realizadores têm-se utilizado bastante dos artistas teatrais, e são êles quási sempre o motivo de agrado de todos os filmes; muito naturais nas suas interpretações, desempenhadas sempre com brilhantismo.

Mas há porém uma coisa em que os realizadores têm sido pouco felizes; nos jovens artistas que selecionam para os seus filmes, nota-se muitas das vezes, habilidade e intuïção cinematográfica, mas em geral aparecem sòmente num único filme, e quando decorrido longo tempo regressam de novo ao cinema, (cite-se o caso da actriz Maria Castelar) ou porque as suas interpretações sejam deficientes, ou porque não estejam enquadrados num papel apropriado, assistem com amargura ao empalidecer da sua estrêla, e ao términus da sua curta carreira.

Os realizadores conseguiriam grandes triunfos, (sem dúvida alguma) se resolvessem selecionar, entre os alunos e alunas que freqüentam as várias escolas existentes no país, alguns que seriam revelações, pois deve haver entre estes jovens, alguns com bastante habilidade e talento para a nobre arte do cinema.

Desportistas completos como o são os nossos rapazes de hoje, lindíssimas e esculturais como o são as raparigas portuguesas, as nossas produções ficariam assim valorizadíssimas, e teriam talvez nesta altura, ensejo para se imporem no estrangeiro, o que seria para nós, leitores do «Animatógrafo», portugueses e cinéfilos de gema, uma grande alegria.

Não pretendo diminuir o valor e o talento dos artistas teatrais, mas no entanto quere-me parecer, que uma selecção de rapazes e raparigas que acima citei, seria aconselhável e proveitosa aos nossos realizadores, e dirigindo-me aos leitores e leitoras, eu inquiro se a vossa opinião coadjuva a minha nesta frase que dirijo aos realizadores, e que serve de título a êste artigo: RECRUTAI OS NOVOS.

MANECAS

CORREIO DOS NOVOS

DUARTE MARVEL — Pois acho também que deves continuar. Tens qualidades e vais ter o prazer de ver produção tua em letra de fôrma. Nada tens que agradecer.

LEÃO DA METRO — Não maças nada. Só lamento não ter espaço para satisfazer os vossos e os meus desejos. O artigo sôbre os técnicos é interessante. O outro àcêrca da sociedade é mais fraquinho.

AVÒSINHO — Muito bem, serás o «Avòsinho», se quiseres. Mas nunca te esqueças de assinar — para esta secção — com êsse pseudónimo.

UM TANGO, UM BEIJO — Cá recebi a «Psicologia e o cinema». De facto, como tu próprio reconheces, o artiguinho peca por falta de originalidade. Vá, não desanimes, envia outro que não seja um lugar comum. Sempre às ordens.

YEELZNAY — O cinema é, na verdade, isso que dizes. O pior é que já tôda a gente o sabe. Vejo, pelo que escreveste, seres capaz de fazer mais e melhor. Então, digo-te: mãos à obra!

REVOLUÇÃO DE MAIO — Mandaste para Bel Tenebroso uma carta que era para esta secção! O prejudicado fôste tu, porque tiveste de esperar que a epístola fôsse e voltasse. Agradeço as tuas felicitações, que transmito ao meu Director.

LUIZ MARIA FORTUNA — Engraçada, embora um pouco ingénua, a tua história, mas muito pequenina. Cabe num bilhete postal!

OUBLI — Fica descansado, porque hás-de lê-lo nestas colunas. É o melhor que posso dizer-te, não te parece?

ROBINSON — Escrever um artigo só para te lamentares que a Deanna Durbin tenha casado com outro, acho ciumeira a mais. (Que, aqui para nós, eu também lamentei... mas não o disse, por vergonha...)

MISS SÉCULO XX — Tens jeito para escrever, tens sim, senhora. Se trabalhares, se leres e escreveres muito, poderás produzir boa e agradável prosa.



ELLEN DREW

Uma estrêla cujo nome deve ser fixado pelos cinéfilos mais fervorosos. Notável protagonista da fantasia «Por Minha Dama», da Paramount


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade
eternamente
Nada há que nos relate o passado, com tanta realidade, com tanto interêsse, como um filme cinematográfico. Nem um só movimento se perde. Tudo ali fica, precisamente como se passou ou aconteceu — um tesouro precioso de recordações para o futuro...
Centenas de milhares de pessoas fazem hoje os seus filmes e dêles fruem enorme prazer. Não perca mais tempo. Decida-se já a filmar os acontecimentos mais importantes da vida, aqueles que se não repetem, que é vosso desejo lembrar para todo o sempre...
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

CINEMA PORTUGUÊS

O MOMENTO OPORTUNO

(Onde se torna a falar no jornal manuscrito dos Cinéfilos das Picôas)

Já aqui falámos, e não há muito tempo, do «Mundo Cinematográfico», hebdomadário manuscrito, feito em bom papel almaço-Prado de trinta e cinco linhas, órgão oficial, senão oficioso, da Liga dos Cinéfilos das Picôas. O leitor, possivelmente, nunca o leu, nunca o folheou, quanto mais não fôsse para poder dizer o clássico «muito prazer em conhecê-lo». E pena é que o «talvez único jornal manual de Portugal», — como se lê no número comemorativo do primeiro aniversário do simpático órgão cinéfilo (preço avulso seis tostões, diga-se entre-parêntesis) — nunca lhe tivesse ido parar às mãos, sem dúvida propensas ao crime de preferirem produto estrangeiro, pois encontraria nas páginas daquele pequeno «mundo» leitura séria e digna de atenção e aplauso.

Não temos qualquer intuito reclamativo, nem recebemos comissão pela publicidade que ora fazemos ao jornal manuscrito — e que nos faz recordar outros que, por igual processo, «imprimíamos» nos nossos tempos de escolar — mas parece-nos justo tornar público o conteúdo dum artiguinho publicado no «referido número comemorativo do primeiro aniversário do «Mundo Cinematográfico». E senão, veja-se como é oportuno, sensato, lógico e merece a aprovação incondicional dos portugueses que amam Portugal, dos cinéfilos que compreendem o cinema e vêem nele algo de mais vasto e transcendente do que um simples entretenimento público.

Armindo Blanco — um dos directores do jornalzinho e colaborador da nossa «Página dos Novos» — vem demonstrar-nos por A + B ser esta a «ocasião única para pôr de pé, definitiva e firmemente, o cinema português.

Principia por recordar uma frase enquadrada numa crónica literária do dr. Pedro Moura e Sá e que também passamos a reproduzir:

«Qualquer que seja a estrutura político-social do mundo que surgir da presente guerra, uma das pedras mais importantes dos seus alicerces há-de ser, fatalmente, a «mensagem» portuguesa, isto é, o conjunto de valores espirituais que criamos e defendemos».

Comenta Armindo Blanco que as palavras do dr. Pedro Moura e Sá trazem à mente o futuro do cinema português, pelo qual se bate meia dúzia de pioneiros (podia até chamar-lhe *carolas*) que não se cançam nem descançam.

De facto, Portugal, que será um dia chamado, com tôda a certeza, quando se fizer a revisão de valores e se reconstruir a Europa devastada «física e moralmente» — como diria certa personagem de Camilo — devia preparar o seu cinema para êsse momento único na história da humanidade. E exactamente agora que se estancaram as principais nascentes europeias que alimentaram o nosso mercado, seria oportuno e inteligente bastarmo-nos a nós próprios a-fim-de que, mais tarde, pudéssemos sair tranquilos ,além-fronteiras, a dizer ao mundo:

— Êste é o nosso cinema. Esta a nossa civilização.

Porque o cinema é, hoje mais do que nunca, o índice da civilização dos povos. Países pequenos situados no Báltico têm o seu cinema. O Egipto tem o seu cinema. A Espanha, enfraquecida por uma guerra, tem o seu cinema em pleno desenvolvimento. Portugal, país hoje disciplinado, arrumado, civilizado, não tem o seu cinema. Como é possível dar-se êste caso estranho, quási incompreensível, quando um S. P. N. realiza uma obra notável de propaganda além-fronteiras — obra essa que o cinema nacional podia apoiar francamente?

Estava mais do que indicado que Portugal não usasse apenas os tradicionais métodos de propaganda que vêm do século passado mas recorresse também ao cinema, cujo poder persuasivo é tão grande e cuja acção civilizadora tem sido tão importante e notória, inclusivé no nosso país, actualizando hábitos e costumes, apurando o bom senso e o bom gôsto, educando e instruindo...

Estava também indicado — segundo o jornalzinho manuscrito — que Portugal representasse, cinematogràficamente, a Europa na América. Plenamente de acôrdo, e hoje que o nosso país já é bem conhecido em todo o mundo, que injustamente o esquecera e até ignorava, o cinema nacional é aguardado com interêsse além-fronteiras.

Ora, é justamente no final do artiguinho de dezasseis linhas assinado por Armindo Blanco que estamos em desacôrdo com o articulista. Diz êle, desalentadamente, não lhe parecer que «possamos contar com o cinema nacional para mandarmos a nossa «mensagem» ao estrangeiro e isto porque o cinema é indústria onerosa e o capital não acorre fàcilmente para a produção.

De facto, a iniciativa particular é escassa e precisa de tomar um cordial, necessita de ser estimulada — a bem da nação.

Mas não estamos tão descoroçoados como Armindo Blanco. Êste é, de facto, o momento justo para a indústria cinematográfica ser um facto.

Vemos o horizonte desanuviar-se e, quando soar a hora, a «mensagem» cinematográcia portuguesa poderá ser um facto e pesar bastante como índice da nossa cultura, do nosso valor, do nossa civilização.

Como se vê, o jornal manuscrito dos cinéfilos das Picoas publica assuntos sérios e de interêsse público.

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Mais de uma vez, tem sido feita esta pregunta:

— Como deve ser orientada a nossa produção?

Tempos houve em que alguns julgavam melhor caminho optar-se por via internacional, isto é, artistas estrangeiros em paìsagens portuguesas. Mas cedo se arrependeram. Cedo compreenderam que só por via nacional, com artistas portugueses em paìsagem portuguesa, se conseguiria vencer o mercado exterior tanto no seu aspecto financeiro como artístico, embora nalgumas vezes êles não acertem o passo.

Há um equivoco, porém, que muitos ainda não desfizeram. O facto de se tomar a defesa do nacionalismo cinematográfico não implica a aprovação tácita do nacionalismo político. Um não carece do outro para viver. Nós, por exemplo, o único nacionalismo que defendemos é o cinematográfico e por isso mesmo exigimos do cinema nacional que êle se afirme e tome lugar na concorrência dos vários países produtores—elevando-se até as suas formas superiores de Arte.

Não é de resto imoderada a exigência. Outros países fazem o mesmo. Anualmente, todos aqueles que se dedicam à cinematografia mundial discutem seus problemas e suas possibilidades de produção. Os problemas e possibilidades são encarados sob diversos aspectos, salientando-se sempre a quantidade e a qualidade que oferecem ao Mundo os Estados Unidos, uma vez que dali é que saem os filmes que abarrotam os mercados consumidores.

Mas os povos nem sempre vivem satisfeitos no que se refere ao cinema. Por isso, cada qual procura que os filmes apresentados ao seu público sejam compreendidos pelo mesmo público no seu próprio idioma. Êste é o motivo porque, depois do advento do cinema falado, todos procuram produzir em sua casa, fazer os seus próprios filmes, com o único desejo de não só dar aos seus espectadores obras faladas na sua língua como opôr uma barreira ao produto americano.

O cinema é uma necessidade dos povos modernos. É preciso dizer muito em pouco tempo. A cultura universalizou-se, perdendo em profundidade o que ganhou em extensão. O indivíduo da nossa época não aprofunda o estudo das humanidades; mas, em compensação, tem nos seus horizontes muito maior número de conhecimentos científicos, variados, salpicados aqui e ali. Dar dêles uma nota fugidia, exprimir, em sensação visual, uma realidade interior — eis o objectivo do cinema para os povos que sabem ser do seu tempo.

Poucos são os paises, portanto, que não possuem a sua produção, ainda mesmo que a matéria-prima traga a marca «made in U. S. A.», o que nem sempre sucede na Rússia devido a factores que não interessam esta crónica. Os demais países procuram, não só importar máquinas americanas e demais acessórios necessários ao cinema, como também técnicos. E procedendo assim dão um exemplo de equilíbrio, de bom senso, tendo em conta que, além dos filmes estrangeiros que são exportados pela razão simples de uma difusão acurada através das rêdes de distribuïção pelo Mundo inteiro, os outros países que produzem (ou pretendem produzir...) não devem fazer gastos demasiados mercê da delimitação dos seus mercados. O circulo vicioso será, eternamente, êsse para todos que produzam em contra-posição ao que oferecem os maiores centros produtores.

Há que ter, portanto, em conta o valor de cada produção, sujeitando tudo a uma disciplina, a uma organização em forma, que evite as iniciativas mal orientadas. Nos países pequenos, como o nosso, a metodização do cinema impõe-se muito mais do que nos grandes meios, onde uma ou outra aventura não tem tão desastrosas conseqüências.

Eis porque o maior perigo do nosso cinema são certos cavaleiros andantes, que vestidos de apóstolos, se atiraram de cabeça àquilo que êles passaram a chamar «a sua causa»...

AUGUSTO FRAGA

As primeiras fotos do filme americano «UMA NOITE EM LISBOA»



Madeleine Carroll e Fred Mac Murray em frente da «Pensão Cristina», cujo carácter bem português foi conscienciosamente reconstituído em Hollywood

Acabaram de chegar a Portugal as primeiras fotografias do filme da Paramount «Uma noite em Lisboa», acêrca do qual «Animatógrafo» já mais de uma vez publicou informações e pormenores vários.

Essas fotografias, que reproduzimos nas nossas páginas, são as primeiras imagens publicadas da primeira evocação feita em Hollywood da paisagem portuguesa.

Quem observar com atenção essas fotografias notará de-certo o rigor da reconstituïção, desde o pormenor do nome e do número da «Pensão Cristina», por cima da porta, sugestão das palmeiras, desde o tapete, com desenhos a puxar para o arabe, pendurado à janela, ao burro do azeiteiro, desde a indumentária dos figurantes, a que não faltam os barretes saloios, à verosimilhança da tipoia que, se já se não vêem em Lisboa, ainda perduram nos arredores — onde aliás as cenas reproduzidas estão certamente localizadas (em Sintra segundo tôdas as probabilidades). Mas o que nos parece melhor — o que mais apreciamos nestas imagens portuguesas «fabricadas» na Califórnia — é o seu aspecto «familiar», o seu tom geral de portuguesismo, que se nota logo a um simples relance de olhos. Essa característica deriva fundamentalmente da paisagem do fundo, reproduzida «textualmente», se assim se pode dizer, por meio de uma «maquette», segundo cremos (não nos parece, de-facto, que o efeito fôsse obtido por meio da «transparência ou de ampliação fotográfica).

Parece-nos que estas fotografias são uma garantia da fidelidade com que a Paramount reconstituiu na costa do Pacífico o semblante das colinas vizinhas do Tejo.

Quanto a êsse aspecto, ficâmos descansados — e a verdade é que o conhecimento que já tinhamos do cuidado e meticulosidade com que a Paramount preparara a realização dessa parte do filme, não justificava quaisquer alarmes. Resta saber se quanto ao espírito, à psicologia colectiva, à idiosincrasia da nossa gente e ao condicionalismo da vida actual do nosso país, a reconstituïção é exacta.

Os estúdios americanos, pela forma como por vezes sugerem a vida e os costúmes de outros países (de Paris, ou da América do Sul, por exemplo), legitimam os nossos receios nesse particular pois deixam-se levar a miúdo pela facilidade e pelo convencionalismo mais artificial.

No entanto temos tôdas as esperanças de que desta vez não sucederá assim, dado o interêsse, a curiosidade e a atenção que, nos últimos tempos, aos Estados Unidos vem merecendo Portugal e particularmente Lisboa — the boom town of Europe, *como há semanas lhe chamava um jornal americano. As fotografias que hoje publicmos são, quere-nos parecer, um bom sinal.*



Madeleine Carroll, Fred Mac Murray e Dalio — o excelente actor francês que Lisboa tão bem conhece . que conhece tão bem Lisboa — trocam impressões sôbre os respectivos sapatos no hall de um hotel lisboeta



Madeleine e Fred passeiam por Sintra numa tipóia típica, tendo por fundo a mesma paisagem portuguesíssima dos arredores de Lisboa

«THE HAMILTON WOMAN»

O mesmo escrúpulo que Hollywood põe agora na reconstituição etnográfica, usa-o nas reconstituïções históricas

«Animatógrafo» publica hoje, em primeira mão, algumas fotografias de «That Hamilton Woman», um notabilíssimo filme de Alexandre Korda que, além doutros atractivos, tem o supremo encanto de apresentar reünidos, pela primeira vez, Vivien Leigh e Laurence Olivier, marido e mulher — êle, bem conhecido do nosso público pelas suas criações em «O Monte dos Vendavais» e «Rebecca»; ela, que iremos ver em «E tudo o vento levou».



Vivien Leigh é uma grande vedeta. Por isso, antes de entrar em cena, figurinista, caracterizador, «script-girls», manicure, cabeleireira, costureira, criados, electricistas, etc., todos a rodeiam, para que não haja o mínimo deslise

Rebuscaram-se museus e bibliotecas

A ideia de filmar a romântica história de Lady Hamilton e de Lord Nelson nascera na mente de Alexandre Korda há muitos anos.



Um retrato célebre de Lady Hamilton, grande amor de Nelson...



...e um retrato de Vivien Leigh no papel de Lady Hamilton

Mas a êmpresa era de responsabilidade e exigia aturado estudo histórico. As principais livrarias e museus da América, da Inglaterra e da Itália foram rebuscados para se coligirem elementos. A livraria Huntington, de Pasadena, forneceu preciosas indicações.

Quadros célebres como o retrato de Lord Nelson pintado por Gainsborough foram fotografados para servir de elementos de fidelíssima reconstituïção.

Coligido tudo o que convinha à realização do filme, Alexandre Korda, serviu-se dos melhores técnicos cinematográficos. E não sabemos dizer qual foi o mais eficiente e zeloso, porque se Rudolph Mate apresentou uma fotografia impecável, Blagoe Stephanoff transformou Laurence Olivier num autêntico Lord Nelson e Rene Hubert desenhou figurinos rigorosamente à época.

O Instituto de Marinha britânico forneceu também todos os elementos para se reconstituir a esquadra que tomou parte na histórica batalha de Trafalgar.

Intérpretes e colaboradores de Alexandre Korda

Realizado um estenuante trabalho de investigação, Alexandre Korda passou ao estúdio da «United Artists» e reviveu o episódio célebre que se desenrolou há duzentos anos.

A interpretação foi confiada a artistas de mérito, como Alan Mowbray, Sara Allgood, Gladys Cooper, Henry Wilcoxon, Heather Angel, Haliwel Hobbs, Gilbert Emery, Miles Mander, Ronald Sinclair, Lovis Alberni, Norma Drury, Olat Hytten, Juliette Compton, Guy Kingsford.

Lord Hamilton é incarnado por Allan Mowbray; lady Nelson por Gladys Cooper; a rainha de Nápoles por Norma Drury; o reverendo Nelson por Halliwell Hobbes.

Como colaboradores imediatos, contratou Alexandre Korda: Lyle Reynolds Wheller para director artístico; Rudolph Mate para operador; Lawrence Butler para efeitos especiais; Edward Linden para seqüências fotográficas especiais; Julia Heron para decorações; William Wilmarth para o registo de som; Stepharoff para caracterizador; Walter Mayo para assistente de realização.

O filme «That Hamilton Woman» teve a sua estreia mundial em Los Angeles, conforme programa — um luxuoso programa ilustrado — que temos presente. A receita da noite de estreia foi destinada a fundo beneficente.

A crítica elogiou o filme da «United Artists» e felicitou vivamente o trabalho do realizador e dos intérpretes.

Ao publicarmos as gravuras juntas regosijamos-no com o êxito obtido por Alexandre Korda e com o trabalho do simpático casal que passou cinco dias em Lisboa — Vivien Leigh e Laurence Olivier.

À Margem das Fitas

POR RAÚL FARIA DA FONSECA



Eis o texto dum telegrama recebido em Nova Iorque:

«Lisboa — Comenta-se dentro do ambiente cinematográfico português a possibilidade de vários realizadores e produtores franceses refugiados nesta capital se dedicarem à produção de fitas francesas, utilizando os estúdios cinematográficos portugueses. Diversos órgãos da imprensa comentam o caso e manifestam que devem alentar-se estas iniciativas e prestar-lhes tôda a colaboração e facilidades necessárias, já que estas futuras actividades dos cineastas franceses darão como resultado um aumento considerável dos conhecimentos técnicos da sétima arte que redundará em benefício exclusivo da indústria cinematográfica portuguesa, um tanto abandonada ultimamente sem causas justificadas.»

Para quem tiver alguma coisa a opor, aí fica a notícia.



Agora sim! Agora os Marx, os três irmãos malucos, estão no seu elemento. No próximo filme, Groucho será um detective bem instalado na vida, mas... sem clientes. Harpo fará, ao mesmo tempo, de cozinheiro, de governante, de chaufeur e, nas horas vagas, de auxiliar de detective. Chico, que aparece para tudo complicar, é professor de música num Conservatório.



Merle Oberon, actriz consagrada e espôsa modelar, é de opinião que são estas as seis causas principais dos maridos desagradarem às mulheres:

1.° — escudarem-se «num dia de muitos afazeres»;

2.° — preferirem ler jornais a conversar;

3.° — falarem do seu trabalho como se dele dependesse o destino do Mundo;

4.° — limitarem-se a grunhir quando as espôsas descrevem a forma como passaram o dia;

5.° — mostrarem desinterêsse sempre que elas exibem conhecimentos sôbre arte, literatura, etc.; e

6.° — aceitarem o amor como se tratasse dum chapéu velho.

Tem Merle Oberon carradas de razão em tudo o que diz, excepto, quanto a mim, no que se refere à quinta causa. Nada mais impróprio da mulher do que dar-se ares de intelectual. Salvas raras excepções, a mulher, em regra, não sabe falar de arte, de literatura, etc., sem o fazer intencionalmente, com a preocupação de nos convencer de que é superior às outras mulheres. Não me recordo de ter ouvido mulher alguma aludir aos seus conhecimentos literários e artísticos com outra qualquer intenção.

ELAS...

★ LARAINE DAY, a ingénua do «Correspondente de Guerra», deve a Alfred Hitchcock a voga que está a ter na América. A Metro não se arrependeu de a emprestar ao realizador da «Rebecca» que, além de desmentir o velho ditado, reeditou o êxito alcançado com a Joane Fontaine, se bem que em proporções mais modestas.

★ MADELEINE CARROLL apresenta no novo filme da Paramount, «Virginia», um formosíssimo vestido de noiva.

A alta costura americana faz os maiores esforços de imaginação para tornar a moda independente de Paris ou de Viena.

★ VIVIEN LEIGH depois de ser a protagonista de «E tudo o vento levou», encontrou um soberbo papel — daqueles que qualquer grande artista ambiciona — na figura de Lady Hamilton, o grande amor de Nelson.

No filme de Alexandre Korda «That Hamilton Woman», Laurence Olivier interpreta o almirante inglês.

Uma nota curiosa é a parecença física de Vivien Leigh com Lady Hamilton, se confiarmos na fidelidade com que o pintor George Romney reproduziu a heroína.

★ PAULETTE GODDARD dança com Fred Astaire em «Second Chorus».

A capitosa actriz apresenta no filme um vestido (?) que Hattie Carnegie desenhou para as noites quentes da Flórida... e que se denomina, com certa bizarria, «jantar-na-cabana».

A Paulette e uma cabana dispensam perfeitamente o jantar.

★ JUDY GARLAND vem à cabeça do elenco da Metro para o filme «Ziegfeld Girl». Depois dela, a Hedy Lamarr e a Lana Turner (que par!), o que é significativo.

Em «Ziegfeld Girl» acima de Judy Garland só as girls de Ziegfeld.

★ MERLE OBERON com a sua explêndida interpretação no «Monte dos Vendavais» e a infeliz actuação que teve no «Quero viver na lua», mostrou-se talhada de preferência para o drama.

O experimentado e consagrado Lubitch vai reabilitá-la na comédia, com o novo filme «That Uncertain Feeling», onde Merle Oberon contracenará com Melvyn Douglas.

★ JEAN ARTHUR, que «encaminhou» James Stewart nos bastidores do senado americano em «Peço a Palavra!», aparece agora no filme de Sam Wood, «O Diabo e Miss Jones».

Como o papel de Miss Jones cabe à Jean, o título deveria ser antes «O Diabo é Miss Jones»...

★ CARMEN MIRANDA trabalha lado a lado com Alice Faye em «That Night in Rio», sob a direcção de Irving Cumings.

A Carmen chegou, cantou e ficou.

★ JANE RUSSELL... ou nasceu uma estrêla.

O célebre aviador e realizador Howard Hughes — o que atravessou o Atlântico de avião, por engano — conheceu-o como empregada num consultório e levou-a directamente para os estúdios de Holywood.

Caso raro de talento expontâneo: a improvisada actriz revelou-se uma assombrosa artista em «The Outlaw».

★ KATHERINE HEPBURN volta à tela («welcome»!), depois de dois longos anos de ausência, na obra «The Philadelphia Story» que ela criou no palco.

Um crítico americano arrebatado pela interpretação da Hepburn, até lhe chama bonita.

★ BARBARA STANWICK entrou com o pé direito na comédia, em seguimento duma carreira muito brilhante mas muito «dramática». É a protagonista do filme «The Lady Eve», cuja graça foi posta em destaque pela crítica americana.

★ BETTE DAVIS continua a ser uma das artistas mais apreciadas na América e das mais desconhecidas entre nós. Porque será?

Dizem ser notável a sua última interpretação, no filme «A grande Mentira».

★ LUCILLE BALL. Repararam nela no filme de Harold Lloyd, «Gente Alegre»?

Fizeram bem. Está ali uma valiosa e simpática actriz.

A notar que a produção do Harold foi exibida ao mesmo tempo na América e em Portugal.

★ WENDY HILLER. Lembram-se dela em «Pigmaleão»?

Gabriel Pascal também não se esqueceu de Wendy, ao realizar o seu segundo filme de Bernard Shaw, «Major Barbara», e deu-lhe o melhor papel.

Pascal tenciona levar para a tela mais as seguintes obras de Shaw: «The Doctor's Dilemma», «The Devil's Disciple e «St. Joan».

Veremos mais tarde Wendy Hiller interpretar a figura de Joana d'Arc? Tudo indica que sim.

★ DOLORES DEL RIO. Vamos ver a insinuante mexicana num drama passado na sua terra natal.

Dolores del Rio lembra Joan Crawford na incompreensão que lhe vota Hollywood.

Negaram-lhe sempre a ocasião propícia para mostrar aquilo que vale e se adivinha nas breves passagens da sua interpretação em filmes medíocres.

Talvez seja agora.

A. DE CARVALHO NUNES

Um microfilme realizado por cientistas portugueses

A bilharziose vesical é uma doença que, até há bem pouco tempo, se julgava existir apenas nos países quentes. Com efeito, ela encontra-se difundida em tôda a África tropical e meridional e em certos pontos da África do Norte e da Ásia ocidental. O agente patogéneo é um trematodo conhecido pelo nome de «schistosoma hematobium». A doença caracteriza-se pelo aparecimento de sangue na urina, cuja quantidade aumenta pela ingestão de alimentos irritantes da bexiga ou pela fadiga. Um outro sintoma da doença é a dor. É muito curiosa a biologia dêste verme causador da bilharziose. Os schistosomas vivem no sangue venoso do homem onde os machos põem os ovos. Estes saiem pela bexiga, com a urina dos doentes e procuram encontrar água que é necessária ao seu desenvolvimento. Na água, o ovo sofre determinadas transformações depois das quais se introduz numa espécie de caracol, animal onde vai prosseguir a sua evolução. Após várias modificações na sua estrutura e forma, saiem do caracol uns pequenos animáculos a que se dá o nome de cercárias. As cercárias movem-se activamente na água até encontrarem um hospedeiro que, neste caso, é o homem. É através da pele do homem que as cercárias penetram nas veias onde, ao fim de algum tempo, se desenvolvem e tornam adultas.

Como se vê, é plena de interêsse a evolução dêstes trematodos infectantes que são os responsáveis por uma doença de certo modo grave. Dissemos que a bilharziose era desconhecida até há pouco tempo em Portugal. Na verdade, por alturas de 1921, apareceram, no Algarve, próximo de Tavira, alguns casos dessa doença que logo despertaram a atenção dos cientistas. Pouco depois, uma comissão de médicos patiu para o local onde verificou, posteriormente a existência dum foco endémico de bilharziose.

(Conclui no próximo número)

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

Cecil B. de Mille vai dirigir «Reap the wild wind», em technicolor para a PARAMOUNT

O Cinema tem em Cecil B. De Mille uma das suas mais extraordinárias personalidades, uma figura de excepcional envergadura, um dos seus mais conscienciosos e esforçados obreiros.

O seu nome, como o dêsse gigante da arte do Cinema que foi David Wark Graffith, que deu ao Cinema horizontes novos e o brindou com meios inéditos de expressão, como o de Thomas Harper Ince, cujos filmes modelares tinham a poesia das coisas simples, é dos que ficam, indeléveis, na história heróica e difícil do Cinema.

A êle se deve a reacção contra o mau gôsto e sensaboria com que os sequazes de Edison enchiam os écrans fáceis das primeiras salas de projecção, como é de Mille que pela primeira vez revolucionàriamente, ante a admiração e o espanto do espírito rotineiro dos que nessa época, já distante de quási trinta anos, mexiam no negócio de cinema, realiza o primeiro filme de grande metragem e chama para a companhia, de que Jesse L. Lasky e Samuel Goldwyn eram sócios também, os grandes nomes do teatro de Nova York. É êle também que, contra o costume de então, dá pela primeira vez relêvo ao nome dos seus artistas, criando assim as primeiras vedetas da tela.

Êste homem, que bem podia, de há muito, ter deixado o Cinema depois de haver vivido uma carreira espantosa, continuará, porém, firme como em 1914, ocupando o seu pôsto. E, facto ainda muito mais digno de referência, a sua actividade actual como criador de espectáculos de excepcional imponência diz-nos que o seu espírito e o seu talento não envelheceram. Muito pelo contrário, pois os seus últimos filmes de «O Corsario Lafitte», aos «Sete Cavaleiros da Vitória», passando por êsse prodigioso «Uma Aventura de Buffalo Bill», acusou um vigor, um estilo, uma riqueza de processos que espanta.

A sua prodigiosa actividade não pára. Um novo filme para a Paramount também, vai êle realizar. Intitula-se *Reap The Wild Wind*, e é extraído duma novela de Thelma Strabell, sendo verdadeiramente excepcional a sua distribuïção, pois dêle fazem parte nomes como os de John Wayne, cujas criações em «Cavalgada Heróica» e «Tormenta a Bordo», lhe grangearam enorme e merecida categoria, o qual fará o protagonista, Raymond Massey, na figura dum capitão pirata, a insinuantíssima e talentosa Paulette Goddard, Robert Preston, Lynne Overmann, o trio de «Sete Cavaleiros da Vitória», Ray Milland, Barbara Britton, o veterano actor de teatro Walter Hampden, intérprete máximo americano do repertório de Shakespeare e William Boyd, intérprete de outros filmes do mestre dos «Dez Mandamentos» como «O Barqueiro do Volga» e «O Rei dos Reis».

«Suportando o vento bravio», que será fotografado em technicolor, apresenta ainda a particularidade de ser a produção n.º 1.300 da Paramount. A produção n.º 1 dessa companhia — que se chamava então Jesse Z. Lasky Feature Play Corp — foi «The Squaw Man», e foi também De Mille quem a dirigiu. Não deixa igualmente de ser curioso referir que o filho do próprio Jesse Lasky é um dos «scenaristas» dêste novo filme de Cecil B. De Mille!

Todas as Companhias cinematográficas estão a produzir intensamente filmes de aviação

Esta guerra veio dar à aviação um lugar de excepcional importância, de primeiro plano, como tão exuberantemente é pôsto à prova nos comunicados de guerra do conflito actual.

Evidentemente que um tal acontecimento não poderia deixar insensíveis os produtores cinematográficos americanos. Que isso é assim mesmo, demonstra-nos plenamente os programas de produção das companhias de Hollywood, pois das maiores à mais modesta, nenhuma dispensou a sua contribuïção para a popularidade da 5.ª Arma nos écrans de todo o mundo.

Vejamos o que nos dá o balanço dessa produção.

A Metro Goldwyn Mayer termina há pouco «Flying Comand», um filme de Frank Borzage interpretado por Robert Taylor, Ruth Hussey e Walter Pidgeon; a RKO-Radio tem em realização «Parachute Battalion», dirigido por Leslie Goodwins e em que, como o título deixa antever a acção dos paraquedistas será focada, interpretando-o Robert Preston, Nancy Kelly, Edmond O'Brien, Harry Carey e Buddy Ebsen; a Paramount com dois filmes: «Power Dive», com Richard Arlen Jr., e Jean Parker, e James Hogan por realizador; e «I Want Wings» que Mitchell Leisen dirigiu e Ray Milland William Holden e Veronika Lake interpretam; a Republic que está produzindo «Angels With Broken Wings», interpretado por Binnie Barnes, Edward Noris e Gilbert Roland; a 20th Century-Fox, por sua vez com «A Yankee at the RAF», de que Tyronne Power é a vedeta.

Mas não fica por aqui a lista. A êle se vem juntar a Warner Bros, que como se vai ver, está à frente do movimento «pro-filmes de aviação». «Dive Bomber» em Technicolor, com Erroll Flynn, Fred Mac Murray, e Ralph Bellamy, um filme em que, à imagem da célebre «Patrulha da Alvorada» não contém nenhum papel feminino; Michael Curtiz, é o realizador. O outro filme, também neste momento em realização intitula-se «Flight Patrol» interpretando-o, sob a direcção de Lothar Mendes, James Stephenson, Ronald Reagan e a francesinha Olympe Bradna. Pois agora, embora ainda nenhum dêstes esteja concluído, os irmãos Warner vão iniciar a produção de «Shadows their Wings», também em Technicolor, filme que glorificará a Royal Canadian Air Force, e de que George Brent e Dennis Morgan, o galã de «Kitty, a Rapariga da Gola Branca» são os protagonistas.

E, certamente, isto não fica por aqui...

J. CARROLL NAISH vai interpretar a figura dum português num filme da Fox

J. Carroll Naish é um actor que até há pouco se especializou na interpretação de papéis de «vilão» e de *Gangster*, tendo-nos dado até, nesse campo, algumas criações de alto relêvo, de que é tipo perfeito o filme da Paramount «Almas Ocultas», onde êle interpretava, ao lado de Patricia Morrison que então se estreava, a figura sinistra do famigerado George «Machine Gun» Kelly, que há poucos anos trouxe em alvoroço os Estados Unidos e os «G-Men» de Edgar Hoover, os quais, como sempre, acabaram por lhe deitar a mão.

Pois desde há algum tempo Naish renunciou a tais tipos de personagem, passando a viver na tela figurinos de porte impecável e de óptimos sentimentos.

Agora, Carroll Naish vai ser protagonista do filme que Ray Mac Carey dirige para a Fox: «The Man With the Shovel» em que aparecem, também, artistas pouco conhecidos em Portugal, com George Montgomery, que vimos ao lado de Shirley Temple em «Gente Nova», Osa Massen, Cobina Wright Jr., Stanley Clements e Minerva Urecal.

O caso em si não tinha uma grande importância se se não desse um facto que, para nós portugueses, tem particular interêsse. É que J. Carroll Naish desempenhará em «O Homem com a Enxada», a figura dum lavrador português!



J. Carroll Naish

Depois de Alla Nazimova e Jack Pickford no filme da First National, «My Son», realizado em 1925; de Edward G. Robinson em «Tiger Shark», que o Palácio há anos exibiu, e de Spencer Tracy em «Lobos do Mar», um português vai desta vez ser interpretado pelo ex-bandido J. Carroll Naish...

«FLASHES»

● *NO FILME «Love Crazy», de William Powell e Mirna Loy entram alguns artistas, em papéis secundários, que foram grandes vedetas há uns vinte anos: Naomi Childers, Mahlon Hamilton, Jack Mulhal e Barbara Bedford.*

● *PATRICIA Morison a morena vedeta da Paramount, renovou com esta emprêsa o seu contrato. É o quarto ano que trabalha para Adolph Zuckor.*

● *O FAMOSO chapéu que Roosevelt usou durante a campanha eleitoral para a Presidência dos Estados Unidos, foi por aquele oferecido a Jean Hersholt para ser leiloado em benefício do Motion Picture Relief Fund, instituïção de previdência para a gente do cinema. Foi Edward J. Robinson quem o adquiriu por três mil e duzentos dólares.*

Melvyn Douglas, seu concorrente, não deu mais que 3.000.

● *REINHOLD Schunzel foi convidado pela Universidade de Nova York para fazer uma série de três lições, na secção de teatro daquele estabelecimento de ensino, sob o título génerico de «Visual Education».*


NO TIVOLI
a mais espirituosa comédia do ano
um autêntico record de gargalhada!
ANDA TUDO DOIDO!
A HISTÓRIA RECAMBOLESCA DE DOIS MILIONÁRIOS OBRIGADOS A PASSAR POR SALTIMBANCOS!
SONORO FILME
com
Adolphe Carole John
MENJOU · LANDIS · HUBBARD
nas mais impagáveis
criações da sua
carreira
Uma produção de
HAL ROACH
para a
UNITED ARTISTS

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«ANDY HARDY DETECTIVE» — (M. G.M.)
— O argumento de CAREY WILSON, pela humanidade e pela lição de bom-senso que contem.
— As interpretações de MICKEY ROONEY e LEWIS STONE.
— Os bons momentos da realização de GEORGE B. SEITZ.

«A RAÍNHA DA CANÇÃO» (Fox Filmes)
— O pitoresco e o bom-gôsto da evocação dos «Gay Nineties».
— A música de ALFRED NEWMAN, MACK GORDON e GUS KAHN, especialmente a canção «BLUE LOVE BIRD».
— As interpretações de ALICE FAYE, HELEN WESTLEY e EDWARD ARNOLD.
— A fotografia de LEON SHAMROY e a coreografia de SEYMOUR FELIX.

«O CAPITÃO INVENCIVEL» (Sonoro-Filme)
— Os episódios de lutas e de heroismos filmados com perfeita segurança e sempre com poderoso interêsse de grande espectáculo popular.
— A habilidade com que foram introduzidos os «gags» nas cenas violentas de pancadaria e nas quais intervem LEO CARRILLO, EL BRENDEL e ROSCOE ATES.

«POR SUA DAMA» (Paramount)
— Os bailados acrobáticos, especialmente o dos peles--vermelhas.
— O idílio e as danças dos artistas negros ROCHESTER e THERESA HARRIS.
— As canções de JIMMY MC HUGH, cantadas por ELLEN DREW, VIRGINIA DALE e LILIAN CORNELL.

«ANDY HARDY DETECTIVE»

(Judge Hardy and Son)

Êste novo episódio da crónica pitoresca e edificante da Família Hardy não terá a classe do «Novo Amor de Andy Hardy» que Van Dyke dirigiu, mas é seguramente superior a todos os outros filmes da série. Superior, pelas qualidades do argumento e da encenação.

No argumento importa muito menos a novelazinha policial que justifica o título português do que a justa observação dos pormenores, o bom recorte de certas peripécias, o conteúdo humano das reacções e atitudes das personagens, a intenção moralizadora e a lição de senso-comum contidas em várias réplicas e na solução de certas situações. Carey Wilson, que até aqui tem dedicado a sua actividade a uma série de complementos da M. G. M., só merece aplausos por êste argumento. Há que destacar a seqüência da doença da mamã Hardy, pela forma como é descrita a angústia e a «aproximação» familiares. Nessas cenas, aliás, George B. Seitz, o realizador, foi também particularmente feliz, pela sobriedade, firmeza e pertinência com que sugeriu tudo o que havia a sugerir. Todo o filme, de resto, foi «contado» com fluência e com equilíbrio. Êsse equilíbrio faz-se notar também na interpretação, em que se evitaram certos excessos de efeitos que inferiorizaram alguns outros episódios desta série.

Mickey Rooney voltou a convencer completamente, tanto nos momentos cómicos como nos dramáticos E continua a dispor do público como melhor lhe apraz. Lewis Stone teve oportunidade para pôr à prova os seus grandes recursos. Os restantes intérpretes habituais com a habitual correcção. Em duas rábulas sem importância conseguem mostrar quanto valem os excelentes artistas que são Henry Hull (o médico) e Maria Ouspenskaia (a velhinha sem recursos). — D. M.

«A RAINHA DA CANÇÃO»

(Lillian Russell)

É de lamentar que o falecido William Anthony Mc Guire não estivesse tão inspirado, ao escrever o argumento dêste filme, como o esteve quando imaginou o de «O Grande Ziegfeld» — porque de contrário «A Raínha da Canção» seria uma famosa película, pois possue todos os outros elementos para o ser.

Não é fácil fazer biografia cinematográfica, porque há sempre o perigo de se cair na dispersão da matéria dramática e porque fàcilmente se perde de vista a necessidade de ligar entre si os vários episódios por meio de um fio medular forte, que marcará o sentido da vida que se pretende descrever — e que se deve pretender explicar também. Mc. Guire não esqueceu isso no «Ziegfeld»; neste filme, porém, já não sucedeu o mesmo, e daí a falta de ligação, a repetição de situações, a descontinuïdade da acção, e o conseqüente desinterêsse do espectador.

Só quem não sabe o que são estas coisas poderá espantar-se que os produtores Darryll Zanuck e Gene Marquey não tenham dado pelas dificiências do argumento. Porque de certo não deram; de contrário, como se explicaria o esfôrço feito com a sua encenação?

O carácter excepcional dêsse esfôrço patenteia-se no *cast* reünido, na grandeza e apuro da *mise-en-scène*, na qualidade e quantidade de elementos postos à disposição do realizador. Tudo isso torna «A Raínha da Canção» um espectáculo digno de ver-se, pois a cada momento há qualquer coisa que prende a atenção e freqüentemente surgem na tela motivos de entretenimento e admiração.

A vida de Helen Leonard, que com o nóme de cartaz de Lillian Russel conquistou os maiores triunfos teatrais, na América e em Inglaterra, como intérprete de operetas, proporcionou uma pitoresca reconstituïção de costumes, desde a Guerra da sucessão até aos primeiros anos dêste século. O sabor, o bom-gôsto e o espírito da evocação; o aparecimento de personagens conhecidas (como Leopold Damrosch pai do maestro Walter Damrosch que ainda há pouco vimos em «Criador de Estrêlas», um filme de idêntico género e intenções); a música excelente que Alfred Newman, Mack Gordon e Gus Kahn escreveram (merece destaque a canção *Blue Love Bird*); a qualidade da fotografia de Leon Shamroy; as belas decorações de todo o filme; os bons efeitos obtidos pelo realizador Irving Cummings; a coreografia de Seymour Felix, especialmente no quadro final — tudo isso enche o filme, enriquecendo-o a ponto de constituir um espectáculo de qualidade. Com um argumento mais feliz, era produção de quatro estrêlas.

Dos intérpretes, os melhores servidos foram Alice Faye, maravilhosa, como sempre, Helen Westley, magnífica na Avó Leonard, e Edward Arnold, que faz, com o espantoso relêvo que sempre o caracteriza, o famoso Jim Brady, «Diamond Jim», figura que já teve ocasião de encarnar num filme que não veio a Portugal.

Henry Fonda e Don Ameche não tiveram ocasião de mostrar o que valem. Noutros papéis Warren William (Jesse Lewisohn), Leo Carrillo (Tonny Pastor), Dorothy Peterson (Cynthia Leonard) Ernest Truex (Charles Leonard). — D. M.

«POR SUA DAMA»

(Buck Benny rides again)

Êste novo filme do famoso palestrador da rádio americana, Jack Benny, constitui um espectáculo ligeiro, agradável, freqüentemente divertido. Se tivesse havido um pouco mais de cuidado e de imaginação por parte dos argumentistas, o filme seria logo, melhor a dobrar. A história é consistente demais e certas situações excessivamente arbitrárias, mesmo para o género a que pertence a película. No entanto os vários *sketches* de vária ordem, que a recheiam, os números musicais, os episódios cómicos que abundam no filme, dão-lhe excelentes condições de espectáculo — de que a boa disposição revelada pelo público da estreia é a melhor prova.

Merecem referência especial: os bailados acrobáticos, em particular o dos peles-vermelhas, executado com perfeita sincronia por um grupo de artistas dos dois sexos, e filmado com boa inspiração; os números de Rochester, um negro que canta, baila e representa, sendo justo destacar a cena do namôro e o bailado com Theresa Harris; e as canções de Jimmy Mc Hugh cantadas pelo trio das manas Cameron (Ellen Drew, Virginia Dale e Lillian Cornell). São elas dos intérpretes principais, os únicos que não aparecem no filme com os seus nomes verdadeiros. Todos os outros, desde Jack Benny a Andy Devine, desde Phil Harris ao negro Rochester, figuram na acção com os seus próprios nomes de baptismo, verdadeiro ou «artístico». A realização é de Marc Sandrich e a fotografia de Charles Lang.

O intervalo que divide o filme em dois, como se ainda não bastasse a sua simples e malfadada existência, é comprido como a légua da Póvoa. Em compensação o S. Luiz exibe sem interrupção o «Andy Hardy detective». Por isso podemos dizer que «o resultado esta semana é 1 a 1...» — D. M.

«VÃO LÁ PERCEBER AS MULHERES»

(The road to Reno)

Música e canções agradáveis são os motivos principais dêste filme especificamente americano. Nem sequer lhe falta o conhecido caso amoroso com reconciliação em pleno tribunal. Por todo o filme perpassa uma dose grande de humorismo, quer nas situações em que se tira partido das frivolidades femininas, quer nas cenas que focam os sentimentos paradoxais das mulheres diante do amor.

Um grupo de excelentes artistas animam o filme com a sua presença. Deles há que destacar Hope Hampton e Randolph Scott. — F.

CINEMA DE AMADORES

O Clube Português de Cinema de Amadores realizou, no Pôrto, a primeira sessão de propaganda

Conforme se pode ler no último artigo publicado nesta secção, a direcção do C. P. C. A. decidiu não publicar um programa de trabalho, mas vai no entanto realizando alguns dos desejos dos amadores portugueses. E assim, passados quinze dias após a sua constituïção, organizou para os amadores do Pôrto, no passado domingo, 18, uma sessão de filmes de formato reduzido que se efectuou no vastíssimo salão do Clube Fenianos Portuenses.

O espectáculo a que assistiram cêrca de 600 pessoas entre as quais se encontravam diplomatas, médicos, engenheiros, profissionais de cinema, jornalistas, representantes das sociedades de amadores, ADA Filmes, «Condor Cine Clube» I. F. A., S. F. A., amadores de fotografia e cinema e numeroso público, teve grande luzimento.

O nosso redactor João Mendes, deslocou-se propositadamente àquela cidade para apresentar aos portuenses os filmes a exibir.

A sessão

Primeiramente o sr. dr. António de Oliveira Alves, delegado do Grémio Português de Fotografia agradeceu a todos os que colaboraram para a realização da 1.ª sessão de propaganda do C. P. C. A. e em seguida fez a apresentação do nosso redactor João Mendes que numa breve palestra expos as razões da necessidade da existência de um clube de amadores, principal motivo da recente constituïção do «Clube Português de Cinema de Amadores.

Foram depois projectados os filmes de amadores de Lisboa no formato 9,5 mm: «Pesca do Sável» de Mateus Júnior, «Sinfonia do Candeeiro» de Álvaro Antunes, «Quadra Festiva» de Álvaro Antunes, «Ribeira Nova» de Celestino Teixeira e o «Jornal de Actualidades» do Condor Cine Clube, agremiação portuense. Este jornal incluia a reportagem da filmagem da procissão do Destêrro para o filme de Leitão de Barros e Alfredo Cortez «Ala Arriba!».

Após um intervalo projectaram-se os seguintes filmes do formato 16 mm: «Vida dos Insectos» do eng. Carneiro Mendes, «Apúlia» do eng. Carneiro Mendes. «A Gata Borralheira», a côres, do eng. Frederico Oom e «Cresta, colheita do mel», a côres, do eng. Carneiro Mendes.

A projecção dos filmes de 9,5 mm. esteve ao cuidado do sr. Acácio Pestana da Sociedade Pathé Baby, que gentilmente cedeu a aparelhagem necessária.

O sr. Miguel Martins, gerente da Casa Foto-Stand, orientou a projecção dos filmes de 16 mm., e o Condor Cine Clube cedeu a sua aparelhagem de reprodução sonora assim como a estação emissora Sonora Rádio pôs à disposição dos organizadores da sessão os discos necessários para o acompanhamento musical dos filmes projectados.

Tôdas estas entidades, colaborando na sessão de propaganda do Clube Português de Cinema de Amadores demonstram o interêsse que lhes merece a cinematografia de amadores e especialmente a recente constituïção do C. P. C. A.

A numerosa assistência aplaudiu com entusiasmo os filmes exibidos dando a entender o seu agrado pelo «género» de cinema de amadores. Prova-se assim que há no Pôrto uma selecção de público a quem interessa ver filmes bem mais diferentes dos profissionais.

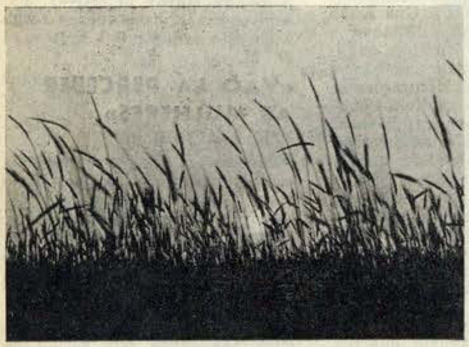
A Direcção da C. P. C. A. deve estar satisfeita pelo êxito obtido por esta primeira sessão, e pela simpatia como o público e a imprensa a recebeu.

E sem nada se prometer vai-se pouco a pouco satisfazendo os desejos dos amadores de Portugal.

A DIRECÇÃO DO CLUBE PORTUGUÊS DE AMADORES agradece a todos os amadores e às casas da especialidade que colaboraram na realização do espectáculo realizado no Clube Fenianos Portuenses

ACTIVIDADE

✯ Iniciaram-se, no dia 15 do corrente, as filmagens duma nova produção do Condor Cine Clube, intitulada «Sonho de uma tarde» onde intervem como protagonista Maria Odete Sousa Pinto.



Uma formosissima imagem do filme «Sonho duma tarde»

Êste filme cuja acção decorre entre os camponeses dos arredores do Pôrto, tem um acompanhamento sonoro por sistema Vitafone, servindo de fundo musical um arranjo sôbre a melodia de Chopin «Tristesse».

O argumento, planificação e realização são da autoria de Fernando Aroso, com a colaboração de Fernando Alves e assistência de Nuno Branco Basto. A direcção e a montagem pertencem a Américo Correia.

A S. F. A. e a ADA Filmes agradecem...

Pedem-nos as direcções das sociedades de amadores, S. F. A. e A. D. A. Filmes que publiquemos o seguinte comunicado:

A S. F. A. e a A. D. A. Filmes agradecem aos amadores srs. Álvaro Antunes, Celestino Teixeira, Mateus Júnior e João Nunes, a gentileza de terem cedido, por intermédio da casa Pathé Baby os seus filmes que foram exibidos na sessão que recentemente se efectuou no Grande Hotel da Batalha, da cidade do Pôrto.

A expansão do formato de 8 m/m

Numa das últimas viagens que fizemos ao Norte do país tivemos ocasião de travar conhecimento com dois amadores portuenses, que trabalham com o formato de 8 m/m. Refiro-me aos irmãos Manuel João Barros e João Manuel Barros.

Amàvelmente, João Manuel Barros convida-nos a visitar a sua residência, em Vila Nova de Gaia, onde têm instalado o seu «studio».

Visitámos a sala de projecção, cuidadosamente montada, com espaço para cêrca de 200 pessoas, onde em sessão privada assistimos à exibição de alguns filmes de 8 m/m feitos por Manuel João Barros com a colaboração de seu irmão. Foram projectados os seguintes filmes:

«Festas em Guimarães» reportagem sôbre as festas centenárias, muito bem fotografado e razoàvelmente montado.

«Primavera» documentário a côres pelo processo Asfacolor, «Uma viagem de 2.000 km.» e «Visita a Inglaterra». Todos estes filmes foram feitos por Manuel João Barros, que está procedendo ao estudo das possibilidades de registo de som no filme reduzido, tendo feito já algumas experiências interessantes. A sala de projecção possui uma cabine onde estão montados dois «pick-ups» com um alto falante colocado ao lado do «écran» para o acompanhamento sonoro dos filmes exibidos. Trabalham com uma câmara Cine Kodak 8 com objectiva 1,9 e têm um projector Kodaskope de 8 m/m.

O seu estúdio equipado com quatro «spots», seis «pistolas» e outros projectores de iluminação, tem aproximadamente vinte metros de comprimento por dez de largo.

Oportunamente daremos mais informes acêrca dêstes e doutros amadores de 8 m/m.

J. M.

«O Correio de Bel-Tenebroso»

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

749 — UMA ADMIRADORA DE MICKEY ROONEY *(Angola)*. — Apreciei muito a tua carta vinda das terras longínquas do Império. — Podes escrever ao teu ídolo para Metro Goldwyn Mayer, Culver City, Califórnia. — *Babes in Arms*, que correu no Rio de Janeiro, com o título de *Sangue de Artista* exibiu-se em Lisboa, sob o nome de *De Braço Dado*. É um excelente filme, e o Mickey põe à prova as suas faculdades de extraordinário intérprete! — Clark Gable e Myrna Loy não interpretaram juntos, ùltimamente, nenhum filme.

750 — EURICO, O PRESBITERO *(Algés)*. — Noto que substituíste o teu primitivo pseudónimo de *Tímido*, pelo que encabeça estas linhas. — Os «cem metros» nacionais caíram em desuso... A lei caducou ,pela fôrça das circunstâncias. Tal como estavam, não interessavam nem à indústria nem ao espectáculo. Pena é que se não haja estudado uma fórmula para lhe suceder. — A velocidade de projecção (24 imagens por segundo), não pode ser alterada, sem que o público dê imediatamente por isso Com efeito, a voz dos personagens fica aflautada. A velocidade de projecção altera o timbre do som, tal qual sucede no gramofone com os discos. Com efeito, o som baixa ou sobe de tom, conforme a velocidade diminui ou aumenta.

751 — UMA BONECA VOLÚVEL *(Funchal)*. — A tua amiga *Uma Loira Madeirense* enviou-me o teu «perfil», em versos espirituosos e muito lisongeiros para a tua vaidade de rapariga bonita. Parabéns! — Respondo a duas cartas tuas, entre elas a uma que me escreveste numa fôlha de papel dum caderno escolar. — Fizeste muito bem em adoptar o tratamento de tu cá tu lá. É mais prático e tem mais sabor, do que outro qualquer. — Gostaria que não mudasses de pseudónimo, pois, em princípio. estas trocas só servem para confusões. Mas se tiveres muito empenho, estou certo de que arranjarás outro tão atraente como o que até agora tens usado. — Está combinado que, quando um dia vieres para Lisboa. serás a minha secretária. — *Shirley entre os índios* é um bom filme de Shirley e nada mais. Lisboa tem andado com sorte, porque temos tido uma época excepcional! — Trans mito as tuas saudações a *Swing-Cinéfilo, Gosto de Beijos, Cinéfilo Nortenho, Rey... sem trono* e *Pinnochia.*

751-A — DUAS ADMIRADORAS DE ROBERT TAYLOR *(Lisboa)*. — Sejam muito bem aparecidas! Espero ter o prazer de vos ler com assiduídade. O tratamento que adoptaram encantou-me. — É muito fácil obterem uma foto autografada de Robert Taylor: escrevam-lhe para Metro Goldwyn Mayer Picture, Culver City, Califórnia. — A «Dothy» (como carinhosamente lhe chamam em Hollywood) continua a ser senhora dos meus pensares. O que não me impede de «adorar» positivamente a Crawford, a Judy, a Lane Turner e outras beldades da Cinelândia. Tu estranhas que eu admirando a Dorothy Lamour também possa gostar da Crawford?! O facto de apreciar um «double scottish», não me impede de gostar da aguardente velha... «Sans blague», como diria o Grock. — Registo a vossa admiração pelo filme *Mulheres*, o que vem provar aquela tese: «o criminoso volta sempre ao local do crime...» Não se zanguem comigo, não?!...

752 — REI DA ILHA DO FAIAL *(Horta)*. — Por mim, não me oponho nada a que uses o pseudónimo que escolheste. Mas a verdade é que os tempos vão maus para os reis e a maior parte dos monarcas da Europa, vêem o mar a rodeá-lo, por todos os lados. — Podes escrever à Maria da Graça (não lhe chames D. Maria da Graça, que ela ofende-se...), por intermédio da nossa revista. Até agora, só interpretou *Pôrto de Abrigo*, cujo título foi para ela, cinegráfico e artìsticamente, um pouco paradoxal.

753 — LUIZ XV *(Lisboa)*. — Falámos em reis e, como era natural, tu apareceste... — Respondo àquela carta que me escreveste da cama, onde uma gripe te reteve. — A Carmen Miranda, de facto, não é bonita. Mas a beleza, Majestade, só no conceito dos académicos é feita de linhas harmónicas e de proporções regulares. Acho, porisso, que o «it», o «glamour», o «sex-appeal» é que contam para uma mulher. É talvez essa a razão porque entre a Deanna e a Judy, o fiel (tão inconstante!) da minha simpatia se inclina para a última. — Escreve à Carmen, em português, para a 20th Century-Fox Studio, Box 900, Hollywood, Califórnia. À Eleanor e à Judy poderás escrever para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Transmito as tuas saüdações a *Uma garota sem Importância, I am the Queen, Antinea II, Uma loira Madeirense* e *Uma Boneca Volúvel*, à última das quais agradece as saüdações enviadas.

754 — CINÉFILO DA ILHA AZUL *(Horta)*. — De facto, o Faial, a julgar pelos filmes que citas, está um bocado atrazado na programação. O que vale é, de vez em quando, aparecerem obras recentes como *Nossa Senhora de Paris, O Capitão Blood, A noite Triunfal* etc. são bons filmes, mas antigos. — Folgo porque *Animatógrafo* te continue a agradar.

755 — DINHAMÁ *(Lisboa)*. — Tive muita pena de ti, quando li a tua carta. Com que então «triste, aborrecida e melancólica», pelo facto da resposta tardar. Achei graça à tua expressão, «lembre-se da que, há cinco revistas *(sic)*, que não recebo notícias suas». Que unidade de tempo tão bizarra! — Já sabes *Dinhamá* que a razão da demora é uma só: a crescente avalanche de cartas sôbre a minha mesa. — Já pedi cá na Redacção para publicarem uma foto da Sonja Henie a patinar. — Registo a tua animosidade pela Carmen Miranda: «Não a posso ver à minha frente. É muito provocante». Estou convencido de que a Alice Faye em *That night in Rio* diz o mesmo. A Carmen eclipsou-a.

756 — MICKEY ROONEY *(Santarém)*. — Éste leitor pede à *Princesa da selva* que lhe diga para onde deverá enviar as fotos.

757 — THE INVISIBLE BOY *(Campanhã)*. — Tenho muito prazer em contar-te no número dos meus leitores. — Escreve a Deanna Durbin para Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia — Metro Goldwyn Mayer Pictures, Culver City, Califórnia. — Éste leitor deseja corresponder-se com *Miss Século XX.*

758 — PRINCESA DO MINHO — Fizeste muito bem em escrever-me. E registo, com agrado, que foi o artigo do nosso Director, «Não tenham mêdo de ser cinéfilos», que te levou a vencer o receio de te dirigires à minha pessoa. — Espero agora nova carta tua, para conversarmos mais de espaço.

759 — FAIALENSE ENDIABRADA *(Horta)*. — Entre os dois pseudónimos, escolhi o que encima estas linhas. O papel e a letra da tua carta eram já meus conhecidos. Registo o agrado que te causou a leitura de *Animatógrafo*. Aí na Horta temos uma legião imensa de amigos e leitores do nosso jornal. — Não te quero dizer que te enganaste sôbre os teus juízos. Eis tudo! — A caracterização de Laughton em *Nossa Senhora de Paris* é, de facto, impressionante. Mas a mim não me tirou o sono.

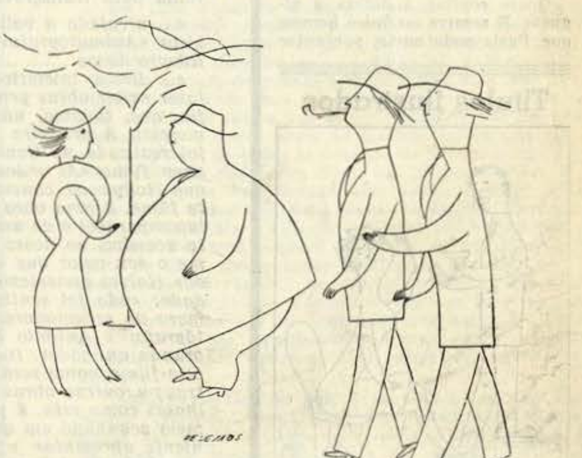
760 — UMA GAROTA CHEIA DE IMPORTANCIA *(Pôrto)*. — Fizeste muio bem em escrever-me. Apreciei vivamente a tua «coragem» *(sic)*, muito embora não seja muito lisongeiro para a minha pessoa, tens de lançar mão dela, para me dirigires algumas linhas. — A Deanna Durbin é uma boa cantora e uma boa actriz. Tu e a tua amiga têm, portanto, razão. — Esta gentilíssima leitora acede a corresponder-se com *Um aventureiro.*

761 — OUBLI *(Penafiel)*. — Obrigado pelas letras que me ofereces. Tomei boa nota. Se necessitar delas, recorrerei a ti. — Sou «talqualmente» da tua opinião: gosto dos filmes da Lamour, só para ter o ensejo de a ver. — Não tenho a letra da canção a que te referes. — Transmiti ao Director do *Animatógrafo* o teu pedido de publicação duma foto de Laraine Day.

762 — BENJAMINA *(Lisboa)*. — Respondo a duas cartas tuas, ao mesmo tempo. No «comprimido» 712, encontrarás resposta a uma das tuas perguntas. — Muito engraçada a sugestão da prenda de noivado. Verei se será exequível. É uma ideia «signée» Benjamina, isto é: original, graciosa e «bem lembrada».

Bel-Tenebroso

ANEDOTA



— *Quem é ela?*
— *É a tal estrêla.*
— *E êle?*
— *É o zimbório.*

A vida de ZOLA

(Continuação da página 7)

apresenta perante o editor para lhe pedir um adiantamento, poucos dias depois do seu romance ter sido lançado no mercado, sabe, estupefacto, que tem uma fortuna a receber! E não tarda em ficar milionário!

Zola cansado de viver na miséria tira a desforra. A sua casa transforma-se num museu. Vive no meio do luxo e da pompa dos seus aposentos. Sai à rua, uma vez ou outra, no seu *coupé*. Cézanne censura-lhe essa existência cómoda que lhe inutiliza as suas faculdades de batalhador. Paris debate-se ainda, no rescaldo da guerra de 70. A *Derrocada* em que Zola estigmatizara as figuras responsáveis pela tragédia, contribuíra para cavar na França perigosas barreiras. Mas outro escândalo não tardará para carregar o ambiente da França mártir. Dreyfus, oficial de Estado Maior é condenado à deportação na ilha do Diabo, acusado de alta traição. A exautoração do oficial impressionara a opinião pública. Quando o réu seguia no meio da escolta, parava em frente dos jornalistas e gritava a sua inocência. O eco do escândalo chegara aos ouvidos de Zola, pela bôca de Anatole France, no sossêgo dos seus aposentos suntuosos, depois dum repasto abundante. Zola desinteressa-se de Dreyfus. Não queria ouvir falar em nada que evocasse as misérias terrenas. Êle vivia agora, para a sua paz, para gozar o confôrto que lhe davam a glória e o dinheiro.

O processo Dreyfus continua, porém, a fazer correr nós de tinta. A França degladia-se. O mundo estremece de emoção. Sucedem-se os julgamentos, as denúncias, as prisões. O acontecimento é explorado agora sob o seu âspecto político. Dum lado, o Exército, que defende o seu prestígio, à «outrance». Do outro, os que acreditam na inocência de Dreyfus. A mulher do oficial condenado não desanima. Junta documentos comprovativos da inocência do seu marido.

Quere confiar a defesa a alguém. E recorre ao único homem que Paris pode ouvir, por entre o fragor da discussão apaixonada, que encandece os cérebros e ateia as paixões. Zola cede, depois de resistir. As suas faculdades prodigiosas despertam. Novamente se justifica a posse daquele que dissera «quando Zola espirra, Paris desperta». E Zola escreve então o célebre panfleto *J'accuse*, a mais violenta e impressionante acusação que se redigiu até hoje em qualquer língua!

O seu líbelo é um ferro em braza aplicado na chaga que põe em perigo a vida da França. Zola é apeado do seu pedestal. Apupam-no! . Perseguem-no. *A Aurora*, o jornal onde durante tantos anos colaborava, foge às conseqüências da ira das turbas delirantes. Zola é chamado aos tribunais, como difamador.

O julgamento decorre tumultuoso. A cabala urdida contra êle triunfa. Juizes e testemunhas procuram baralhar os factos. Zola é condenado. E parte para o exílio, a Inglaterra, vencido mas não convencido. Não desarma, porém. A saúde pode perigar. A paz do seu lar perdeu-se. Mas Zola continua a campanha pela libertação dum homem que não conhece.

O Govêrno francês sofre uma remodelação. Acumulam-se provas contra os homens que organizaram o processo. Zola não desarma. Os seus artigos, as suas cartas, derrubam muralhas, parecem querer arrancar os ferros das cadeias. O exército é agora o primeiro a exigir a Verdade.

O verdadeiro traidor aparece. A mentira já não tem capa que a acoberte. Dreyfus é reintegrado no Exército. Zola regressa a França como um triunfador.

Estamos em 1902. Certa noite sente-se particularmente inspirado. Pede à mulher que feche bem tôdas as janelas. Sempre o horror ao frio e às correntes de ar. A «salamandra» está bem acesa. O carvão arde. A canalização, porém, deixa escapar o gaz proveniente da combustão... Zola sente-se invadido por um débil torpor, será sono?!

De manhã, os jornais anunciam ao mundo surpreendido, que Zola deixou de viver. Num cenário de impressionante solenidade e grandeza, realizam-se as cerimónias fúnebres. No alto duma tribuna, Anatole, na sua farda de Académico, pronuncia o elogio «do homem que encarnou o verdadeiro génio da França».

FERNANDO FRAGOSO

Títulos ilustrados



«Vão lá perceber as mulheres»

ÚLTIMA HORA

FANTASIA, a obra prima de Disney, pode ser vista já em todo o mundo

O novo sistema de reprodução estereofónica do som, cuja «mise-au-point», como dissemos no nosso número passado, se deve aos engenheiros da R. C. A., foi apresentado pùblicamente pela primeira vez quando da estreia de «Fantasia», último e maravilhoso filme de Walt Disney, distribuído pela R. K. O. — Rádio Filmes, que como se sabe é a ramificação cinematográfica do grande «trust» Rádio Corporation of América. Foi até pelo facto de ter sido posto em prática pela primeira vez naquele filme que o processo se passou a chamar Fantasound.

As vantagens dêste novo processo de reprodução sonora, são verdadeiramente extraordinárias no entanto, uma das dificuldades que havia a tomar em consideração era a sua exploração comercial, pois se tornava indispensável a instalação de aparelhagem acessória de forma a permitir a projecção sincrona das quatro bandas, aparelhagem cujo custo andava à volta de cento e cinqüenta mil dólares.

Por isso nos laboratórios da R. C. A. se procurou desde logo obviar a êsse inconveniente de vulto. E depois de alguns meses de estudo e de experiências, foi finalmente conseguido pelos seus engenheiros o que até então parecia de resolução impossível — a combinação das quatro bandas numa única, sem prejuízo das qualidades conseguidas inicialmente com aquelas, de forma a «Fantasia» poder ser projectada nos aparelhos actualmente instalados em qualquer cinema.

«Fantasia» será apresentado entre nós, na próxima época, pela RKO-Radio.

F. R.

PANORÂMICA

(Continuação da página 5)

«As mãos e a morte»

O «Jornal de Notícias», do Pôrto, que já por várias vezes se tem referido muito amàvelmente às iniciativas e realizações de «Animatógrafo», publicou recentemente um artigo àcêrca da exibição do filme «As Mãos e a Morte», de que pedimos vénia para transcrever a parte final:

«... arrojada a valiosa iniciativa da revista «Animatógrafo», que António Lopes Ribeiro dirige ....

«... Dessa iniciativa já falámos: a de fazer exibir obras primas da cinematografia, que, todavia, não têm arcaboiço comercial. A primeira tentativa do género foi realizada no Condes, com o notabilíssimo filme «As mãos e a morte». Diz-se que Hollywood considerou irrealizável êste filme. É uma obra magistral de técnica incomparável e de um «interior» não muito acessível ao nosso público. É tão enorme o seu valor que «não foi compreendido» (talvez dissessemos com mais propriedade: «não foi sentido») por grande número de espectadores. A revista «Animatógrafo» e António Lopes Ribeiro, o seu grande animador, fizeram bem em trazer êste filme, como será para louvar que nos tragam outras obras primas tão maravilhosas como esta. É preciso romper com o meio acanhado em que vivemos; é conveniente apresentar o que os empresários jàmais farão. A Sonoro Filme acompanhou a iniciativa de «Animatógrafo», dando-lhe execução. Ambos merecem os maiores louvores. Com estas iniciativas o cinema sairá enriquecido e o público aprenderá o que é, afinal, cinema na boa acepção».

Raúl Proença †

Descobrimo-nos respeitosamente perante o féretro de Raúl Proença, falecido na última semana.

Foi um idealista sincero, um lutador honesto, um trabalhador incansável. O seu «Guia de Portugal» é uma autêntica obra-prima.

Embora viessemos a abraçar idéias muito diversas das idéias que serviu, não nos esquecemos de que foi nosso professor de 2.º grau, no «Anglo-Portuguese Colege» da Calçada Marquês de Abrantes. E, como professor, ensinava crianças com a preocupação constante de fazer de cada uma, antes de mais nada, o mesmo que êle era: um homem de bem.

«Lisboa-1900»

«Animatógrafo» recomenda aos seus leitores, sem o mínimo escrúpulo de consciência, um espectáculo teatral excelente, pela qualidade e pela inteligência: a opereta «Lisboa-1900», de Francisco Ribeiro, Armando Vieira Pinto e Alberto Reis. A encenação muito cuidada de Erico Braga e de Piero, com cenários e figurinos felicíssimos de Pinto de Campos; a música lindíssima de Fernando Carvalho e Raúl Portela; tôda a interpretação, com António Silva, Ribeirinho, Alberto Reis, Irene Izidro, Hortense Luz e Laura Alves (autêntica *sensation!*) tudo contribui para fazer da peça, montada no Variedades pelo empresário António de Macedo, um espectáculo de teatro que não desilude os olhos habituados aos esplendores do cinema.

Quem é

BETTE DAVIS

a grande actriz que alcançou o primeiro prémio da **Academia Americana** pela sua interpretação em

"A INSUBMISSA"

(Jezebel)



Como vão já distantes os tempos em que a jovem Ruth Elizabeth Davis fazia parte dos Dennis Players, numa companhia teatral de certa categoria que percorria imperturbável e incansàvelmente, de Janeiro a Dezembro, os palcos mais ou menos acolhedores espalhados pelos 42 estados do continente americano.

Não se suponha, no entanto, que aquela que mais tarde haveria de mudar o nome com que o pastor de Lowell, perto de Boston, no Estado de Massachussets cristãmente a batizara a 12 de Abril de 1908, uma semana depois de ter vindo ao mundo, acompanhava a «troupe» na qualidade de actriz. Nada disso. As suas funções eram bem mais modestas. Ela era uma das *usherettes*, uma das «arrumadoras» adstrictas à companhia, mas uma arrumadora de clássico estilo americano com chapelinho à banda, saia de dois palmos e perna à vela, que com um sorriso aliciante e irresistível acompanhava aos seus lugares ora os espectadores *sonbs* das cidades ora os tímidos das vilórias do Midle West, meio caminho para o êxito certo das peças dos Dennis.

À fôrça de ouvir as peças tôdas as noites, Bette sabia já de cór todo o repertório. E foi precisamente êsse facto que lhe abriu, de par em par, as portas da cena, quando, por doença da primeira actriz, a substituiu ante o pasmo do grupo. Nascera assim subitamente, uma vedeta numa peça que se chamava «Mr. Pin Passes By».



Nova York é a mais temivel étape de sua carreira. John Murray Anderson, o consagrado director e produtor teatral, a quem Hollywood uma vez chamara para pôr em pé o grandioso «Rei do Jazz» foi o seu protector e o seu mestre na escola dramática que dirigia, e que dois anos mais tarde lhe abriria as portas dos teatros da Rua 42.

Em 1930 o sonoro tinha, por assim dizer, no teatro o seu fornecedor exclusivo de artistas. Num dêsses bem sortidos fornecimentos calhou ir Bette Davis, que a medo aparecia pela primeira vez no filme «Bad Sister». Em 1932 faz ao lado do grande George Arliss «the Man Who Played God». Dois anos depois ganhava o prémio Academia Americana com a sua interpretação na «Mulher Perigosa» que a coloca entre as maiores actrizes dramáticas do cinema de todos os tempos, da linhagem das Pauline Frederick, das Lilian Gish, das Nelson Hayes...

«A Floresta Petrificada», com Leslie Howard, «Um Vencido da Vida» com Paul Muni, «A Mulher Marcada», «Agente Especial» a «Flecha de Ouro» são alguns filmes seus que Portugal conhece. E agora, na próxima sexta feira no Eden vamos poder admirar o seu espantoso, o seu excepcional talento de grande actriz no filme «A Insubmissa», o famoso «Jezebel» com que, pela segunda vez, ganha o prémio da Academia, caso único, nos anais da AAMPAS se exceptuarmos Louise Rainer, e esta inexplicàvelmente podemos hoje dizer sem receio de injustiça...

Bette Davis tem no golf e na natação os seus desportos favoritos... Fuma como uma chaminé... Ri-se das dietas das outras artistas, pois come de tudo... Não vai às festas de Hollywood... Fora do estúdio nunca usa «maquillage»... Não se importa que a vejam trabalhar... Foi casada com o chefe de orquestra Harmon O. Nelson, de quem tem uma filha... É agora a mulher do aviador Artur Fransworth... Vive no 906 de Beverly Drive, Beverly Hills, num rico palacete que comprou o ano passado.

JAIME DE CASTRO

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



Não deixem de ver JEAN ARTHUR e ROBERT CUMMINGS na engraçadíssima comédia «O DIABO E A MENINA», da RKO-Rádio

ÉSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: ELLEN DREW